

Na rota da fé

Ritos, relatos e cotidiano
na Igreja Universal
do Reino de Deus

Victória Pacheco

Na rota da fé

Victória Pacheco

Na rota da fé

Ritos, relatos e cotidiano
na Igreja Universal
do Reino de Deus



São Paulo – 2025

Universidade de São Paulo
Departamento de Jornalismo e Editoração

Trabalho de Conclusão de Curso

**Na rota da fé: ritos, relatos e cotidiano na Igreja
Universal do Reino de Deus**

Victória Pacheco

Orientação

Luciano Victor Barros Maluly

Texto

Victória Pacheco

Diagramação e capa

Alline Garcia Bullara

Escola de Comunicações e Artes da Universidade
de São Paulo (ECA-USP)
Avenida Professor Lúcio Martins Rodrigues, 443 – Butantã/SP



Sumário

Prefácio	7
Capítulo 1	
A primeira ida à Universal.....	11
Capítulo 2	
Jovens cristãos me acolhem.....	19
Capítulo 3	
Mergulho na vida neopentecostal	31
Capítulo 4	
O que leva alguém à Universal?	43
Capítulo 5	
Um exorcismo e um batismo	57
Capítulo 6	
Médicos da Universal	65
Capítulo 7	
Refúgio de perigos	73
Posfácio	79

Prefácio

Quando digo que estudo o neopentecostalismo para escrever um livro-reportagem, recebo inevitavelmente a pergunta de interlocutores que não me conhecem tão bem:

“Mas você é religiosa?”

Nas primeiras vezes que isso aconteceu, respondi, firme e quase ofendida pela suposição:

“Não, não sou nada religiosa”.

Embora tenha sido batizada na Igreja Católica e feito a primeira comunhão quando criança, nunca tive o hábito de frequentar a igreja. Meus pais e eu íamos apenas a eventuais casamentos, missas de sétimo dia e batismos ou entrávamos em catedrais durante viagens para admirar a arquitetura e as artes sacras.

O mais marcante – e talvez único – traço de religiosidade em nossas vidas se resume à presença de algumas imagens da Virgem Maria, de quem minha mãe se diz devota, na casa de meus pais, em Patos de Minas, no interior de Minas Gerais, e também no apartamento onde vivo, em São Paulo.

Não ignoro a contradição que há em me declarar desprovida de qualquer religiosidade e, ao mesmo tempo, manter uma pequena santa em minha estante, disputando o exíguo espaço na prateleira com Franz Kafka, Clarice Lispector, Manuel Bandeira, Albert Camus e outros tantos autores que sempre considerei mais dignos de veneração do que qualquer entidade religiosa.

Porém, acolhi a nova colega de apartamento para agradecer minha mãe. De tempos em tempos, ela me pergunta se a

imagem da mãe de Jesus segue comigo. Fica receosa de que eu tenha lhe dado fim. É um medo infundado. Em primeiro lugar, porque deixei de ser a adolescente de 14 anos refratária a qualquer espiritualidade.

Continuo agnóstica (talvez ateia, pouco importa a definição), mas não sou mais a menina que se recusava a participar das missas no colégio católico, que aconteciam invariavelmente no horário das aulas de filosofia e sociologia, minhas preferidas.

Hoje, não rejeito por completo a hipótese de que a santa na estante me proteja, como defende minha mãe. “Maria passa na frente”, ela assegura. É desejável contar com toda a proteção possível quando se vive sozinha em uma cidade como São Paulo.

Também não protestei quando minha avó paterna, que é católica, e meu pai, quase tão cético e ambivalente quanto eu, acenderam velas para que eu me saísse bem em importantes processos seletivos e provas. Suspeito que as incontáveis horas de estudo tenham sido mais preponderantes para o sucesso do que as velas, mas elas decerto não atrapalharam.

Sei que pode parecer que tenho conflitos com a religião. Na verdade, quase não penso sobre o tema. Ou melhor, não pensava, antes da produção deste trabalho. Talvez a explicação para isso seja o fato de me considerar bem afortunada. Sou feliz com minha vida e com o que tenho. Até acredito na sorte.

E, sim, pode ser que essa sorte não seja mera sorte. Acho quase impossível, no entanto, crer que há um ser todo-poderoso orquestrando a vida de oito bilhões de pessoas.

Prefiro viver como quiser a única vida que sei que existe: esta aqui e agora. Sem qualquer medo de reprimendas celestiais. Deixando minha arrogância cética de lado, concordando que é fácil não se apegar a nada além do concreto quando se está em plenas condições de saúde, levando uma vida sem grandes sofrimentos.

Mas tudo isso não vem ao caso. Escrevo este livro como jornalista, e não como agnóstica, ateia, racionalista, cética ou o que seja. Esforcei-me para deixar minhas crenças – ou a falta delas – de lado cada vez que me pus diante de meu objeto de estudo.

Meu propósito é contar, nas páginas a seguir, como foram minhas passagens pela Igreja Universal do Reino de Deus, incluindo reuniões (como são chamados os cultos), encontros de jovens, uma cerimônia de batismo e um rito de exorcismo.

Há anos, sentia a necessidade de compreender mais a fundo o movimento evangélico, que tem ganhado força inegável e influenciado as mais diversas esferas da sociedade brasileira, da política aos costumes. Envoltos em polêmicas e altamente midiática, a Universal me pareceu o ponto de partida ideal.

Nas páginas a seguir, relato minhas pesquisas e entrevistas não apenas com estudiosos do assunto, mas também com fiéis que confiaram em mim o suficiente para me contar suas histórias de vida e explicar o que os levou até a igreja de Edir Macedo.

Capítulo 1

A primeira ida à Universal

Tudo começou no aniversário da cidade de São Paulo, no dia 25 de janeiro de 2025. Faltavam vinte minutos para a reunião do meio-dia na Universal da rua da Consolação quando saí da estação de metrô e caminhei cerca de 400 metros até a porta da igreja.

Era um dia quente, fazia mais de 30°C. Eu usava um vestido longo, florido e discreto, que julguei decoroso o suficiente para a ocasião. Na bolsa, levava apenas carteira, garrafa d'água, canetas e um caderno para anotações. Não sabia o que esperar daquela primeira visita a um templo neopentecostal.

Contava apenas com a teoria. Tudo o que, há meses, lia em livros, reportagens e trabalhos acadêmicos sobre o assunto. Ainda assim, não tinha ideia do que me aguardava por trás daquelas portas de vidro, agora tão concretas diante de mim.

Por um momento, temi que a resposta fosse nada. Quando cheguei, a entrada estava fechada. A igreja parecia escura, e não via ninguém lá dentro. Cheguei cedo demais, pensei. Ou talvez o feriado tivesse desmotivado os fiéis. Dei uma volta no quarteirão, e, novamente, nada.

Ainda faltavam quinze minutos, então entrei em um café e pedi um expresso, na esperança – e no medo – de que finalmente aparecesse alguém para a reunião. À medida que a xícara se esvaziava, eu ia criando coragem para voltar à minha missão. Até que me levantei, em um ímpeto, sem tempo para cogitar desistir, e marchei pela rua da Consolação.

Diante da porta da igreja, percebi as luzes acesas, mas não enxergava pessoas. Um pouco desorientada, desci pela rampa na lateral do prédio e cheguei à garagem, esperando encontrar algo, não sei bem o que. Escuro total.

Voltei ao ponto de partida, dando-me conta do movimento bobo que acabara de fazer. Para minha sorte, topei com uma senhora prestes a empurrar a porta, que não estava trancada, como imaginei.

Era Nadir, uma idosa na casa dos 70 anos. Apresentei-me, expliquei-lhe que aquela era minha primeira visita e que estava escrevendo um livro. Ela me convidou para entrar. “Você pode entrar, filha. Qualquer um pode”, disse. Então fizemos isso. Depois de dois ou três passos, ela segurou em meu braço, e ficamos paradas, conversando por alguns minutos.

Nadir me contou que quase toda sua família frequenta igrejas neopentecostais – usarei este termo por maior praticidade, embora ele não seja adotado pelas próprias igrejas desta vertente, incluindo seus fiéis e líderes, além de sofrer generalizações, como veremos mais adiante.

Em falas por vezes desconexas e repetitivas, ela abordou sua relação com Deus e a necessidade de “buscar a salvação”. Enquanto falava, pude olhá-la com mais atenção.

Observei os cabelos loiros presos em um coque, a calça bege, os pelos esparsos e longos que despontavam sobre seus lábios enrugados e os ombros cobertos por um tecido branco, similar a um pano de chão. Mais tarde, um pastor me explicaria que o acessório pouco usual era sinal de humilhação perante Deus, um sacrifício.

Chegou o momento de buscarmos nossos lugares. Sentei-me ao lado daquela senhora, a única pessoa remotamente familiar em um universo inédito para mim. Havia três participantes

além de nós: duas mulheres e um homem. Todos usavam roupas simples e estampavam expressões sérias em seus rostos.

O pastor chegou pouco antes do meio-dia, vestindo camisa social e gravata. O que mais me marcou nesta primeira reunião foram seus alertas sobre o Carnaval que se aproximava. Ele falou aos fiéis que, em 2020, a pandemia de Covid-19 havia sido uma punição divina desencadeada por foliões que caçoaram de Jesus Cristo.

Imagino que se referia ao enredo da escola de samba carioca Mangueira naquele ano, acusada por conservadores cristãos de achincalhar a figura sagrada. “Eu sou da Estação Primeira de Nazaré, rosto negro, sangue índio, corpo de mulher”, dizia a letra, aludindo ao fato de que Cristo defendeu os marginalizados e perseguidos.

O pastor prosseguiu com as advertências sobre a festa popular. Erguia cada vez mais o tom de voz e, a cada vez que elevava os braços, exibia as indiscretas manchas de suor no tecido branco da camisa. Apesar do calor, o aparelho de ar-condicionado da igreja estava desligado.

Foi naquele momento que ouvi de um pastor, pela primeira vez, a expressão “morrer para o mundo”, ideia que retornaria incontáveis vezes nas reuniões e falas de fiéis e obreiros. Estes são voluntários da Universal que aconselham e acolhem pessoas que chegam até a igreja. Eles também participam de ações sociais e evangelizam em lugares como hospitais e presídios.

Para conquistar um posto no reino de Deus, era preciso fazer sacrifícios na vida terrena, explicava o pastor naquela manhã escaldante de sábado. Apenas renunciando ao pecado – outra palavra onipresente no léxico dos religiosos com quem conviveria nos meses seguintes – seria possível alcançar bênçãos divinas e, no fim das contas, a salvação.

Nessa lógica, o pecado é obra do Diabo, que, a todo tempo, impõe tentações ao ser humano para afastá-lo do caminho da fé. Conforme explica o sociólogo Ricardo Mariano, em seu livro “Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil” (1999), diferentes estudiosos do tema caracterizam a “guerra espiritual contra o Diabo” como traço emblemático das igrejas neopentecostais.

Um desses autores, exemplifica Mariano, é o antropólogo Aírton Luiz Jungblut, que atribui à Universal uma “identidade contrastiva”, centrada na oposição ao Diabo e seus aliados, personificados especialmente nas religiões mediúnicas.

Vale dar um passo atrás para descrever as três ondas do pentecostalismo brasileiro, divisão proposta pela primeira vez pelo sociólogo Paul Freston, também citado na obra de Mariano.

A primeira onda pentecostal teve início nas primeiras décadas do século 20, e contempla as denominações pentecostais mais antigas, nomeadas de clássicas. São expoentes dela a Congregação Cristã e a Assembléia de Deus.

A segunda onda pentecostal, iniciada no final dos anos 50 e começo dos 60, foi marcada pela fragmentação do campo pentecostal em três grandes grupos – Quadrangular, Brasil para Cristo e Deus é Amor –, em meio a dezenas de outros menores. Houve um movimento de renovação carismática nesse período, caracterizado pelo intenso uso do rádio e pela ênfase teológica na cura divina.

Já a terceira onda remonta ao final dos anos 1970, ganhando força na década seguinte, e tem como principais representantes a Igreja Universal do Reino de Deus, fundada em 1977, e a Igreja Internacional do Reino de Deus, de 1980. Como já se fez claro, o objeto de estudo do presente livro se insere neste contexto.

Originado nos Estados Unidos em meados do século 20, o neopentecostalismo, nas palavras do antropólogo e historia-

dor Juliano Spyer, em seu livro “Povo de Deus: Quem são os evangélicos e por que eles importam” (2020), funde “a ideia do culto exuberante, emocional e interativo com uma lógica meritocrática mais explícita e de busca do sucesso material”. Voltaremos ao último ponto, acerca da ideia de prosperidade, em um momento posterior.

Pude perceber, na reunião que descrevia antes desta divagação teórica, como a interatividade mencionada por Spyer é elemento central dos encontros na Universal. A começar pela música, presente do princípio ao fim. Fiéis são incentivados a cantar junto ao pastor, que diz os versos um pouco antes deles tocarem, para que todos possam repeti-los.

A sonoplastia, diga-se de passagem, apresenta certo grau de sofisticação. Em momentos estratégicos – por exemplo, quando o pastor direciona sua fala a Deus, rogando-lhe para que abençoe os fiéis ali presentes –, toca ao fundo uma música dramática, porém sutil.

O efeito criado é tão imersivo que, várias vezes, esquecia-me, ainda que por frações de segundos, de que se tratava de um recurso sonoro. Era como se os acordes fizessem parte da realidade concreta, conduzindo os sentimentos dos fiéis.

Não raro, eles apertam os olhos, com a mão sobre o coração, nas partes mais emotivas das reuniões, especialmente quando os pastores orientam-lhes a ficar de pé e falar com Deus.

Quando conversei com Odlinari Ramon, doutor em estudos de mídia pela UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) e membro do grupo de pesquisa Comunicação e Religiões da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), ele enfatizou o aspecto da sonoplastia.

Evangélico, o pesquisador foi membro por 20 anos da Assembleia de Deus, mais recentemente passando a frequentar

a Igreja Metodista. Ele relembra que, quando mais novo, concluiu curso técnico em rádio e televisão e buscava um estágio. Acabou sendo convidado para trabalhar em uma Universal em João Pessoa (PB).

“Passei uma semana lá. Não porque não gostei, mas porque não me adaptei ao trabalho. Eles queriam sonoplastia profissional. O som é coisa de outro mundo”, ele me disse.

Odlinari está certo. É provavelmente daí que vem grande parte da emoção e da atmosfera etérea daquelas reuniões em prédios minimalistas, muito diferentes dos exuberantes templos católicos, com seus vitrais e decorações em ouro.

Na igreja da rua da Consolação – sim, voltemos à história do primeiro dia –, é impossível não notar a presença de quatro caixas de som grandes, posicionadas de forma estratégica no púlpito.

Quando a reunião acabou, após o recolhimento do dízimo, Nadir me levou até o pastor. Expliquei-lhe, assim como havia feito mais cedo, que estava ali como pesquisadora e jornalista. Uma observadora discreta e nada mais. Disse, porém, que fui batizada na Igreja Católica, mas que não praticava a fé. Não achei necessário, tampouco pragmático, declarar-me ateia ou agnóstica.

Apesar de um pouco desconfiado, aquele homem provavelmente sete ou oito anos mais velho que eu foi simpático comigo. Sugeriu que eu retornasse outras vezes, de preferência no domingo, às nove horas da manhã, e que baixasse o aplicativo Portal Universal.

Fiquei surpresa ao navegar pelo app. Nele, o fiel pode ver horários de reuniões em diferentes endereços, ler notícias da Folha Universal, fazer doações para a igreja, ouvir hinos religiosos e podcasts, conversar com um “pastor online”, entre diversas outras funções.

Assim que acabei a conversa com o pastor, fui até Nadir, agradeci-lhe pela atenção e perguntei se poderia pegar seu número. Evasiva, ela afirmou quase nunca usar o celular “para não perder tempo com o WhatsApp e poder se dedicar mais a Deus”.

Caso quisesse encontrá-la, era só ir até a igreja, assegurou-me, onde ela estaria presente nos sete dias da semana. Essa foi a primeira de muitas frustrações que me aguardavam. E confirmou a constatação de um professor que me disse, sem rodeios, quando lhe contei o tema que havia escolhido para o livro: “Não será fácil”. Ele parecia estar certo.

Capítulo 2

Jovens cristãos me acolhem

Frustrada, mas longe de desistir, decidi voltar à mesma igreja duas semanas depois, desta vez acompanhada, para ter uma motivação extra. Convidei meu amigo, também jornalista, pois sabia que só um colega de profissão seria curioso o suficiente para acordar às sete horas da manhã de um domingo e ir a campo em nome de uma pauta que nem era dele.

Cheguei primeiro e me sentei ao lado de duas senhoras, ambas chamadas Maria José. Quando disse que estava escrevendo um livro, uma delas me perguntou, em tom inquisidor:

“Mas por que um livro sobre evangélicos?”

Citei como principal motivação o crescimento do segmento evangélico, que é o segundo maior bloco religioso do Brasil, representando 26,9% da população, atrás dos 56,7% que professam a fé católica.

O país tem hoje 100,2 milhões de católicos e 47,4 milhões de evangélicos, segundo o Censo 2022 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), divulgado em junho de 2025. Em 1980, os chamados crentes eram 6,5% da população, e, no último recenseamento, de 2010, já haviam disparado para 21,6%.

Não fui convincente o suficiente (nem sequer sabia do que deveria convencer aquela senhora). Então, ela virou o corpo para frente, com a feição austera, e evitou olhar em minha direção pela próxima hora e meia que viria.

Sua xará, no entanto, ficou curiosa e começou a fazer perguntas sobre minha religiosidade. Repeti a cantilena de sempre:

fui batizada na Igreja Católica, mas nunca frequentei as missas com assiduidade e não professo nenhuma fé atualmente. Admito que acrescentei o atualmente para não ser vista como um caso perdido espiritualmente falando e aumentar as chances de prolongar a conversa.

Ela me contou que foi mãe de santo por 23 anos, porém se converteu à fé evangélica há mais de uma década. Deve ter me achado mais católica do que realmente sou, pois disse:

“No dia em que você parar de orar para estátuas de madeiras, sua vida vai mudar”.

Interrompemos o assunto alguns minutos depois, com a chegada do pastor. Desta vez, era um homem de, no máximo, 50 anos, sorridente, vestindo roupa social e sem um fio de cabelo na cabeça lustrosa.

Todos os fiéis se levantaram. Dando início aos ritos, o pastor disse algumas palavras protocolares e convidou os presentes para se posicionarem diante do púlpito, com suas garrafas d'água em mãos. Nessa hora, ele pediu a Deus para abençoar o líquido e curar as mazelas que afligiam aquelas pessoas.

Enquanto o homem bradava frases como “cura, Senhor, o câncer, a depressão, a dor” ou “tira o Diabo da vida, da casa e dos negócios desta pessoa”, os congregados murmuravam para si suas próprias orações e pedidos, elevando o volume da voz quase em sincronia com o pastor.

As lamúrias, somadas, criavam uma sinfonia desordenada, em que o desespero se fazia quase palpável. Foi nessa hora que meu amigo chegou e se pôs ao meu lado, em meio à multidão. Olhamos um para o outro com um misto de perplexidade e fascínio. Não havia outro lugar para se estar naquele domingo de manhã.

Quando a cacofonia se dissipou, o pastor, com a voz levemente rouca, chamou as pessoas para compartilharem seus

testemunhos. Uma mulher levantou a mão e contou que, após a corrente de oração de minutos atrás, parou de sentir uma “mi-nhoca” caminhando pelo abdômen, que a incomodava há meses.

Ela disse ter feito “todo tipo de exame”, mas os médicos não encontraram a causa do mal-estar. Agora, entretanto, sentia-se curada.

Outra mulher pediu a palavra, relatando que fora diagnosticada com “gordura no fígado”, mas que, naquele momento, sentia as mãos de Deus operando sobre o problema.

Testemunhos dados e devidamente filmados pelos obreiros para as redes sociais, era hora de retornar aos assentos.

A reunião transcorreu como a primeira que presenciei dias antes, com muita música, interação com o público, emoção e, sobretudo, didatismo. Além de exibir versículos bíblicos em dois telões, posicionados nas laterais de cada fileira de cadeiras, o pastor destrinchava a palavra divina, explicando, pouco a pouco, seu significado, com o auxílio de analogias e exemplos da vida cotidiana.

O pesquisador Odlinari Ramon, citado no último capítulo, destaca que a linguagem enraizada na realidade, aliada ao uso estratégico da mídia, motivou a popularização do neopentecostalismo no Brasil.

“Há uma pregação conectada com o dia a dia, que se afasta do sermão mais qualificado teologicamente dos presbiterianos, por exemplo. As igrejas históricas sofrem com o fator linguagem. O pentecostalismo, por sua vez, veio rompendo com isso e ainda acrescentou o ingrediente midiático, especialmente no caso das neopentecostais”.

Cabe aqui uma contextualização. Protestantes históricos são cristãos pertencentes a igrejas que se originaram após a Reforma Protestante, a partir do século 16, como esclarece Juliano Spyer em seu livro já mencionado.

É o caso das igrejas Luterana, Batista, Presbiteriana, Metodista e Episcopal. Nessa tradição, pastores têm curso superior em teologia, e suas pregações tendem a ser mais filosóficas e densas.

As igrejas históricas foram as primeiras representantes do protestantismo a fincar raízes no Brasil, em meados do século 19. O que as separa do pentecostalismo é um “distanciamento educado”, escreve o antropólogo.

Na perspectiva de teólogos ligados ao protestantismo histórico, diz ele, o pentecostal:

“Seria como um primo pobre do interior, encantado pela descoberta da Bíblia, e que acaba usando-a de maneira improvisada e grosseira, porque não tem a sofisticação do conhecimento teológico, não conhece a história, não teve treinamento intelectual e, apesar disso, se vê no direito de abrir igrejas e ‘pastorear rebanhos’”.

De volta à explicação de Ramon sobre o dialeto neopentecostal, um dos traços distintivos deste é o foco no “aqui e agora”, em constante diálogo com questões financeiras e de saúde.

“Se há uma pessoa doente na casa, eles [pastores e obreiros] vão orar para Jesus repreender essa doença e levar a cura hoje mesmo. Existe um determinismo nisso. Bênçãos devem ser alcançadas aqui e agora para aquele pessoa que não pode esperar, já que precisa se libertar de uma enfermidade ou salvar um filho viciado”.

O foco em problemas concretos é visível até na oração do Pai Nosso, na qual o trecho: “Perdoai-nos nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido” é substituído por: “Perdoa nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores”, trocando “vós” por “tu” para maior facilidade.

Notei isso na reunião que deu início a este capítulo. Após a oração final, fiéis se direcionaram ao púlpito para doar o dízimo, usando dinheiro, Pix ou cartão de débito.

Em seguida, uma obreira sorridente se aproximou de mim e de meu amigo. Assim como suas homólogas, ela usava um vestido cinza e acinturado, que lhe cobria os ombros e se estendia até pouco abaixo dos joelhos.

A jovem de 23 anos (minha idade também), perguntou se aquela era nossa primeira ida à Universal, e expliquei-lhe sobre o livro. Jussara, ou Sara, como prefere ser chamada, não deu grande importância ao que falei, e nos convidou para conhecer o grupo de jovens da igreja, a Força Jovem Universal.

Eu e meu amigo fomos levados até a entrada do templo, onde cerca de dez jovens se reuniam. Chegamos pouco antes do momento da oração, quando nos colocaram no centro da roda, ao lado de um rapaz que também estava ali pela primeira vez.

Sem saber o que fazer, fechei os olhos e arrisquei uma reza, tomando cuidado para não emendar automaticamente o Pai Nosso em um “Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco...”, como minha avó me ensinara.

Em seguida, avisaram que o grupo se reuniria de novo às quatro horas da tarde para uma partida de xadrez. Assim que se dispersaram, uma moça veio até mim. Era Amanda, estudante de ciências contábeis, de 27 anos. Trocamos números de telefone, e ela me convidou para participar do encontro de jovens daquela tarde e dos seguintes.

A partir desse dia, mantivemos contato por WhatsApp com certa regularidade. Amanda parece exemplificar bem a teoria de Spyer sobre como neopentecostais atraem fiéis mais novos.

“Para eles, a igreja neopentecostal é uma alternativa ‘light’ ou modernizada à moral rígida do pentecostalismo”, escreve.

“O jovem pode buscar nas igrejas neopentecostais e neocarmáticas, como a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Batista da Lagoinha, a Bola de Neve Church e a Igreja Renascer

em Cristo, ambientes mais receptivos em relação ao consumo de música pop, limitações para o namoro, ou ao uso de roupas da moda, fora da austeridade promovida por igrejas como a Assembleia de Deus”.

Tanto é assim que, exatamente uma semana depois, quando fui ao encontro de jovens no domingo, a convite de Amanda, ela afirmou preferir a Universal à Assembleia pela liberdade de poder usar calça jeans em vez de saias longas e por não se sentir julgada pelas tatuagens nos braços – ainda que estas sejam discretas e de caráter religioso, como uma cruz.

Notei, naquele dia, que narrarei em mais detalhes a seguir, vários jovens exibindo tatuagens, incluindo uma menina de cabelos azuis.

A jornalista Anna Virginia Balloussier, especializada na cobertura de religião, política e direitos humanos, descreve essa maleabilidade comportamental dos neopentecostais como uma “customização religiosa”.

Em seu livro, “O púlpito: fé, poder e o Brasil dos evangélicos” (2024), a autora ressalta ainda que “o novo crente ganha incentivos para se engajar no evangelicalismo”. Trata-se de “uma espécie de dois em um: pague pela salvação da sua alma e leve junto um pacote de experiências para a família toda”.

Assim, o entretenimento funciona como ímã para atrair novos fiéis, razão pela qual ganha força a música gospel.

“Para crer, não é mais preciso correr longe das ‘coisas do mundo’ que tanto horrorizavam a velha guarda. Basta adaptá-las aos preceitos cristão”, sintetiza a jornalista.

Antes de prosseguir com o relato da conversa com Amanda, pode ser útil uma breve descrição do encontro de jovens. Ele começou com uma dança animada ao som de reggaeton, que naturalmente me pegou de surpresa.

Embora aterrorizada pela ideia de dançar em público, ainda mais em passos sincronizados com um grupo de pessoas, entrei na onda, não sem algum constrangimento, e admito que me diverti.

Depois, um jovem se pôs diante dos demais e começou a falar sobre a importância de se levar uma vida cristã. A expressão “morrer para o mundo” veio à tona novamente. O rapaz discursava de igual para igual à plateia que, assim como ele, vestia camisetas azuis com o logo da Força Jovem Universal (exceto eu, é claro).

“Não adianta esquentar o banco da igreja no domingo e continuar indo para festas, andando com más companhias, bebendo e fazendo uma série de coisas erradas, que todos aqui sabem bem quais são”, afirmou, resolutivo.

Em um momento posterior, ele mostrou no telão o versículo 6:34, do Evangelho de Mateus.

“Não vos inquieteis, pois, pelo dia de amanhã, porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo. Basta a cada dia o seu mal”.

Anotei o trecho em meu caderno, pois achei-o interessante.

Como de praxe, o líder do encontro conectou a mensagem bíblica à vida dos presentes, pedindo para que tivessem paciência e fé no trabalho ou nos estudos, pois Deus os recompensaria se seguissem pelo caminho correto.

Pude ver, na prática, como igrejas evangélicas – neopentecostais ou de outras denominações – apresentam aos jovens, sobretudo da periferia, alternativas à criminalidade. Elas, muitas vezes, são “espaços com atividades diárias”, que compreendem desde ensino de música e dança até reforço escolar, conforme expõe Spyer em “Povo de Deus: Quem são os evangélicos e por que eles importam” (2020).

As igrejas possibilitam ainda que quem cometeu infrações tenha a chance de se redimir.

“A igreja diz que o que aquela pessoa faz é errado, mas também oferece um caminho de transformação efetiva. Já ouvi de um pastor que não existe ‘pecadinho’ ou ‘pecadão’, é tudo pecado, tanto xingar quanto matar”, diz o sociólogo Diogo Corrêa.

“A promessa é que Deus te livrará disso, desde que você se arrependa e mude seu comportamento. Para isso, a igreja incentiva uma série de práticas, como oração e jejum”, acrescenta o autor de “Anjos de Fuzil” (2022).

De volta ao encontro de jovens, percebi que o acolhimento caloroso a novos – ou potenciais – membros é um atrativo central de grupos como o Força Jovem Universal. Eu mesma me senti acolhida em todos os momentos daquela tarde de domingo.

Fui incentivada a participar dos jogos que se seguiram à fala inicial do líder do encontro e até convidada a tirar uma foto com o grupo no encerramento. Na sequência, eles me levaram para uma partida de vôlei no posto do Corpo de Bombeiros na rua da Consolação.

No caminho até lá, conversei mais com Amanda. Perguntei-lhe se ela achava estranha minha presença ali como observadora. Ela admitiu que sim, mas disse admirar minha intenção de viver diferentes experiências na Universal antes de escrever algo sobre a igreja. Já aconteceu antes, contou, de jornalistas “irem até lá uma só vez e saírem escrevendo besteiras”.

Minha nova amiga também negou se identificar com o termo neopentecostal:

“É simples: a gente se considera cristão”.

Diversos pesquisadores do fenômeno evangélico criticam a terminologia, que passou a ser alvo de generalizações e empregada com conotação pejorativa nos últimos anos.

Entre eles está a cientista social Livia Reis, coordenadora da área de Religião e Política do Iser (Instituto de Estudos da Religião), que chama a atenção para as convergências entre igrejas de diferentes denominações.

“Igrejas que antes poderiam ser enquadradas como pentecostais reproduzem, com frequência, práticas das denominadas neopentecostais, como uso exacerbado das mídias e ênfase na cura. Ao analisar as características em comum, fica claro que já não faz sentido segmentar os pentecostaismos no Brasil”.

A pesquisadora cita como exemplo o pastor Silas Malafaia, comumente chamado de neopentecostal, embora seja pastor da Assembleia de Deus, uma pentecostal.

“O Malafaia adota vários elementos alinhados com as ditas neopentecostais, no que diz respeito à centralidade do demônio, práticas de cura, foco no dinheiro e uso da mídia”, exemplifica Reis.

Em artigo para o portal Observatório Evangélico, a doutora em Ciências da Comunicação e pesquisadora de Comunicação e Religiões do Iser, Magali Cunha, argumenta que o termo neopentecostalismo – cunhado pelo sociólogo Ricardo Mariano em sua tese de mestrado na USP, nos anos 1990 – mais “prejudica do que explica” nos dias de hoje.

A alcunha virou sinônimo de ultraconservadorismo e fundamentalismo, sendo atrelada a ministros do governo Bolsonaro, como Damares Alves e Marcelo Álvaro Antônio, que, no entanto, eram pentecostais.

A ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos de 2019 a 2022 veio do Evangelho Quadrangular, enquanto o ministro do Turismo de 2019 a 2020 pertencia à Igreja Cristã Maranata.

Assim como Reis, Cunha ressalta a ideia de “pentecostaismos”. Estabelecidas a partir dos anos 2000, essas novas

vertentes, com características culturais e religiosas diversas, extrapolam o que Ricardo Mariano propôs anos antes.

“Esses grupos surgiram a partir de dissidências das igrejas pentecostais, incluindo, por exemplo, as chamadas tribos evangélicas, movimentos underground, movimentos de juventude, movimentos de população LGBT das igrejas inclusivas. Eles têm algumas características do neopentecostalismo (a tríade cura, exorcismo e prosperidade) e, ao mesmo tempo, características originais”.

Uma possibilidade de tipologia dos evangélicos mais adequada, segundo a autora do artigo, é a do sociólogo Alexandre Brasil Fonseca, que agrupa igrejas com base nas ideologias presentes em seus discursos (ecumênicas, da Missão Integral e da prosperidade, por exemplo).

A noção presente no imaginário popular dos neopentecostais enquanto radicais contribuiu para minha surpresa no encontro de jovens que abriu este capítulo. Admito que não esperava ser recebida tão calorosamente pelo grupo, sobretudo após apresentar-me como jornalista pesquisando a igreja deles.

Entendi o apelo da Força Jovem Universal para pessoas como Amanda: quando se tem uma família a mais de dois mil quilômetros, passar uma tarde de domingo com colegas que compartilham um propósito de vida não é nada absurdo.

Na partida de vôlei, todos foram pacientes e gentis ao me ensinar a jogar, já que sou uma negação em esportes. Levaram na brincadeira todas as vezes em que atrapahei meu time – e não foram poucas.

Fui embora quando eles já se preparavam para a terceira partida. Enquanto descia as escadas para chegar à garagem do posto do Corpo de Bombeiros, ouvi suas risadas se distanciando e só pude pensar: “Eles são jovens como eu”.

Capítulo 3

Mergulho na vida neopentecostal

Dias depois, conheci outro templo da Universal, no bairro de Pinheiros, zona oeste de São Paulo. Era um sábado, e estava ali para a reunião do meio-dia.

Embora fosse minha primeira visita ao local, já não me sentia uma estrangeira em território inexplorado. A estrutura e os ritos dos cultos, o vernáculo dos pastores e até as letras das músicas se tornavam cada vez mais familiares para mim.

Assim que cheguei, não hesitei em empurrar a porta de vidro e entrar, caminhando com discrição até a quarta fileira de assentos. Queria ficar perto o suficiente do púlpito para examinar cada detalhe da reunião, mas distante o bastante para não denunciar minha presença insólita, como se isso realmente fosse possível.

Havia poucos fiéis. Duas fileiras à minha frente, sentava-se uma idosa de costas curvadas, com longas unhas pintadas de azul, vestido florido sem alças e, como Nadir no primeiro dia, um pano branco sobre os ombros.

Perto dela estava um homem jovem, de boné, calça jeans e uma camiseta surrada, com algumas manchas brancas, que lhe dava um ar de alguém que acabou de sair de algum trabalho braçal.

Quando faltavam cinco minutos para a reunião começar, o pastor apareceu e começou a conversar com a senhora, claramente frequentadora assídua da igreja. Ele parecia ter cerca de trinta anos e usava roupa social preta, da gravata aos sapatos de couro.

Pouco depois, uma mulher e um homem de meia idade se sentaram ao meu lado. Mal nos cumprimentamos, e o pastor deu início à pregação. Como o jejum das causas impossíveis é a temática das reuniões de sábado, ele direcionou suas falas a pessoas que buscam soluções para problemas complexos.

Cada dia da semana na Universal tem um tema que norteia os encontros religiosos. Domingo é dia de fé e milagres; segunda, da prosperidade; terça, da cura; quarta, do estudo bíblico; quinta, da terapia do amor; e sexta, da libertação espiritual.

Essa agenda diversificada contribui para a alta frequência dos fiéis às reuniões, de acordo com Gabriel Burnatelli, doutor em ciência política pela Ufscar (Universidade Federal de São Carlos), cuja tese analisou o neopentecostalismo brasileiro e sua relação com a esfera pública.

“Muitos fiéis frequentam o culto três ou mais vezes por semana, e cada dia tem uma temática diferente, que recobre diversos aspectos da vida, desde a prosperidade até questões familiares e sentimentais. Não se trata apenas do aspecto financeiro, até porque ele é visto como resultado de uma série de transformações nessas outras esferas”.

Burnatelli destaca que a assiduidade aos cultos e às demais atividades da igreja é requisito inegociável para evangélicos, de modo que não existem “não praticantes” no segmento.

“Embora se chame a igreja de ‘pronto-socorro espiritual’, quem a procura apenas no momento de agrura não vai concretizar seu objetivo. Isso acontece apenas no momento em que a pessoa se torna efetivamente fiel e passa a viver intensamente de acordo com os preceitos religiosos. Nenhum pentecostal ou neopentecostal vai dizer que é ‘evangélico não praticante’, como ocorre com muitos católicos. Isso não faria sentido, porque a frequência às atividades religiosas é um hábito enraizado na vida deles”.

Como acontece com frequência nas reuniões, o pastor começou a falar diretamente com Deus. Dizia energeticamente frases como: “Tira, Senhor, a depressão da vida desta pessoa. Faça andar a causa dela na justiça. Ajude os negócios a prosperarem”.

Na sequência, ele pediu para que todos caminhassem em direção ao altar. Um por um, ele pôs as mãos sobre a cabeça dos fiéis e orou para que o Diabo fosse extirpado de diferentes áreas de suas vidas, gritando “Sai!” ao final, enquanto levantava as mãos com vigor.

Nas igrejas neopentecostais, o Diabo é visto como força atuante no cotidiano das pessoas, sendo responsável por diversos males, desde doenças e vícios até desavenças familiares e problemas financeiros.

A cientista social Livia Reis explica que a Universal inaugurou a noção de centralidade do demônio, associando-o a elementos de religiões de matriz africana, como o candomblé e a umbanda.

“O catolicismo considerava que o mal existia e desaprovava religiões de matriz africana, mas não fazia ligação direta entre ambos. Quem muda essa dinâmica é a Igreja Universal, que passa a associar práticas afro-brasileiras e suas expressões corporais à figura demoníaca. Enquanto, no catolicismo, essas práticas eram vistas como paganismo, na Universal, há o discurso de que o demônio se manifesta através delas e tem poder real”.

No livro “Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil” (1999), o sociólogo Ricardo Mariano indaga:

“Ao combater a umbanda, o candomblé, o espiritismo e o catolicismo, até que ponto a Universal e a Internacional da Graça não são influenciadas e incorporam elementos da crença, da lógica e da visão de mundo dessas religiões?”

Algo que se nota, diz ele, é uma legitimação da experiência religiosa dos adversários como real, de tal sorte que os

neopentecostais “acreditam piamente que os demônios existem, agem neste mundo e se passam, entre as muitas formas que assumem, pelos deuses e entidades das religiões mediúnicas”.

Em várias interações com pastores, obreiros e fiéis, notei o uso pejorativo da palavra “encostos” para se referir a divindades de religiões afro-brasileiras. Ouvi isso de Iracema, a mulher sentada ao meu lado naquele sábado, quando conversamos após a reunião, e ela me contou sobre sua vida religiosa pregressa.

Há vinte anos, a paraibana radicada em São Paulo começou a frequentar a Universal e abandonou a crença nas entidades. Sua irmã, que vive na Bahia, “a terra dos encostos”, como definiu, também se tornou evangélica.

Enquanto Iracema falava, uma obreira jovem e sorridente veio até nós. Ela me deu as boas-vindas à igreja e perguntou se eu era parente de Iracema e de Carlos, o homem sentado ao lado dela. Neguei e expliquei-lhe sobre meu livro.

Sem deixar de sorrir em nenhum momento, a obreira me ouviu com atenção e, depois, fez perguntas sobre minha vida, como onde estudo e trabalho. Respondi tudo o que quis saber, esforçando-me para retribuir sua afabilidade.

Seu marido, o pastor, veio até nós, e repeti a mesma apresentação, a qual já havia memorizado àquela altura. Ele questionou minha motivação para a pesquisa, ao que respondi que procurava entender o que levava as pessoas às igrejas neopentecostais.

“Um chamado de Deus” foi a explicação sintética que ele me forneceu, como se fosse dele que eu buscasse respostas. O mesmo chamado que teria me levado até ali, acrescentou.

Fui convidada a voltar mais vezes à igreja, tanto para minha pesquisa quanto para meu iminente despertar espiritual. Iracema encarregou-se de me incentivar a frequentar o templo.

Trocamos números de celular, e ela disse que tinha muitas histórias sobre sua fé para compartilhar e que ficaria feliz em contribuir com meu livro. Naquele momento, senti ter em mãos a chave para um universo até então hermético.

Uma semana depois, voltei à reunião do meio-dia, porém Iracema não estava lá, pois era período de pré-Carnaval, e ela trabalhava em seu trailer de lanches e bebidas em frente à estação de metrô da Faria Lima. Nessa época do ano, ela sai de sua casa no Campo Limpo, na zona sul, para tocar o negócio, de domingo a domingo.

Com poucos presentes, a reunião foi resumida. O mesmo pastor do sábado anterior falou, na maior parte do encontro, sobre injustiças. “Deus é justo. Ele está vendo a injustiça do marido que trai, dos filhos que não valorizam os pais e do chefe que menospreza o funcionário”. No entanto, os fiéis deveriam ter paciência, porque Deus é também misericordioso.

“Se a justiça está demorando para você, é porque o Senhor está dando tempo para os malfeitores se redimirem”.

De nada adiantaria, porém, esperar justiça e não ser justo com Deus por meio do dízimo, afirmou o pastor.

Na tradição judaico-cristã, o dízimo é um tributo regularmente pago por fiéis às suas igrejas. A palavra significa “a décima parte”.

“O dízimo é uma obrigação perante Deus. Está na Bíblia. Há passagens sobre doar 10% da colheita ao Senhor, por exemplo”, observa Bruno Reinhardt, professor do departamento de Antropologia da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e pesquisador das relações entre religião e secularismo.

A função do dízimo consiste em expressar a fé e ajudar a sustentar a igreja. “É uma forma de manter a ‘casa de Deus’ funcionando para que ela alcance mais almas”, definiu Carlos, o amigo de Iracema (que inicialmente pensei ser seu marido),

na conversa após o culto na semana anterior, com uma frase pré-fabricada.

A oferta, por sua vez, é uma contribuição para além do dízimo, um pagamento voluntário, de valor livre, que pode ser realizado a qualquer momento. Na Universal, é comum que, ao final das reuniões, obreiros passem distribuindo envelopes para fiéis colocarem sua oferta em dinheiro ou preencherem um compromisso de contribuição futura.

“Classificaria a oferta como um ‘ato de fé encarnada’. É um jeito de materializar a fé e a confiança em algo que não se realizou. No caso, a promessa de Deus. O fiel faz uma espera ativa, e não passiva, por algo que vai acontecer”, comenta Reinhardt.

A crença na possibilidade de determinar concretamente o futuro mediante a fé se reflete na linguagem dos pastores.

“As palavras de fé são sempre ditas no presente. Eles não dizem ‘você estará curado’ ou ‘vai se curar’, mas sim ‘você está curado em nome de Jesus’. Há a ideia de que a palavra tem poder”, continua Reinhardt.

“De certa forma, a pessoa vive no futuro esperado: ela já está curada, pois crê nisso. A fé é o gesto de viver no presente um futuro que não se realizou”.

Em diferentes ocasiões, o pastor do templo de Pinheiros disse que oraria para que saísse dali o maior dizimista da Igreja Universal. A frase expressa a lógica de que, se o fiel fizer por merecer, ele será abençoado com prosperidade em sua vida e poderá retribuir à igreja como forma de agradecimento a Deus.

No período em que frequentei a igreja, não presenciei situações em que fiéis fossem pressionados ou constrangidos a dar o dízimo. Pelo contrário, o mais comum era ouvir de pastores que ninguém era obrigado a nada na Universal.

Ainda assim, a associação do dízimo à noção de investimento na prosperidade e na salvação eterna certamente abria diversos bolsos e carteiras.

Não se pode ignorar casos como o da fiel de uma cidade do interior paulista que doou todos os bens à Universal (totalizando R\$ 50.271,79) e, mais tarde, arrependeu-se, abrindo processo contra a igreja em 2019.

Em fevereiro de 2025, o Tribunal de Justiça de São Paulo determinou que a Universal devolvesse os valores doados e pagasse uma indenização por danos morais de R\$ 10 mil.

À Justiça, a fiel denunciou que pastores afirmavam ser necessário fazer “o impossível para Deus”, caso contrário, ela não receberia “a transformação que desejava para sua vida”, incluindo paz familiar e bonança financeira, conforme detalhou reportagem da Folha de S.Paulo.

Vale a ressalva de que prosperidade não é sinônimo de dinheiro, como enfatizaram pastores com quem conversei, e também a socióloga Livia Reis, que critica a redução do conceito à obtenção de bens materiais.

“A teologia da prosperidade é muito mal interpretada, especialmente pela ênfase no fator financeiro. Na verdade, ela é mais ampla: está ligada ao bem-estar em todas as esferas da vida, como saúde e família. Prosperar é ter sucesso de maneira geral, inclusive no tempo que se dedica à igreja. É como um contrato: você se torna sócio de Deus, propõe-se a fazer sua parte e espera uma contrapartida”.

Isso não significa que a prosperidade pregada pelas igrejas neopentecostais não esteja vinculada ao desejo de ascensão social, traço que as distingue do “pentecostalismo de abstenção” predominante até os anos 1990, descrito por Anna Virginia Balloussier em “O púlpito: fé, poder e o Brasil dos evangélicos” (2024) da seguinte forma:

“A ética pentecostal pedia um afastamento do mundo e, por consequência, da cultura consumista. Um estilo de vida coerente para as primeiras gerações de crentes brasileiros, concentrados nas classes baixas e mais conformadas com não saírem de onde estavam. Deus os compensaria na vida que importa, a eterna. Era só ter paciência”.

Indo na direção contrária, a teologia da prosperidade, doutrina adotada por igrejas da aba evangélica que contempla a Universal, a Renascer em Cristo e a Internacional da Graça de Deus, defende que “Deus deseja para seus filhos a bonança já neste mundo”, escreve a jornalista.

Ser crente e querer ganhar dinheiro não é contradição alguma, garantiu-me Iracema durante mais uma reunião, em março, após o Carnaval, quando pedi sua visão sobre o assunto. Ouvi dela:

“Deus nos libertou da escravidão. Pobreza não é de Deus”, em referência à libertação do povo israelita do cativeiro egípcio, liderada por Moisés.

Ela disse ainda que não poderia ter sido coincidência que, algumas semanas atrás, o “homem de Deus” (o pastor) foi ao seu trailer, e, naquele dia, ela teve o melhor volume de vendas do mês.

O mesmo pastor abriu o encontro pós-Carnaval rogando para que Deus ajudasse os fiéis, já que “a doença, o agiota e o processo judicial não esperam”. Em seguida, convidou o público a se levantar e entoar frases como:

“Diabo, não te aceito em minha casa, em meus negócios, em minha família”.

Olhei para Iracema nesse momento. Ela erguia um dos braços, enquanto mantinha a mão sobre o peito e cerrava os olhos com vigor. O gesto era reproduzido por outros fiéis, cujos rostos

se crispavam no ímpeto de expulsar o demônio unicamente com o poder da palavra.

Chamou-me a atenção a ênfase dada ao tema da depressão naquele encontro e nos posteriores. O pastor falou de pessoas que não conseguem encontrar motivos para se alegrar devido aos sofrimentos e humilhações pelas quais passam, tal qual o povo de Israel antes da libertação.

Muitas vezes, ele sugeria que as situações degradantes estavam circunscritas à relação com patrões que não valorizavam seus funcionários.

Por exemplo, ao falar de evento da Universal que aconteceria cerca de um mês depois, no estádio do Pacaembu, na Sexta-Feira Santa, o pastor orientou os fiéis que teriam que trabalhar naquele dia a encontrar um substituto e combinar a troca com o chefe com antecedência.

“Sei que tem muito patrão que não larga o osso”, disse, em tom ao mesmo tempo jocoso e crítico.

Implícita em falas como essa está o argumento de que o fiel que vira “patrão de si mesmo” tem maior autonomia financeira e de gestão do próprio tempo, podendo ser mais ativo nas atividades da igreja que abrirão caminho para seu engrandecimento espiritual.

O pesquisador evangélico Odlinari Ramon denomina essa perspectiva de “neoliberalismo religioso”, que se fortaleceu a partir dos anos 1990, de mãos dadas com as políticas econômicas neoliberais implementadas no Brasil no mesmo período.

“Igrejas neopentecostais tem um discurso de ‘saia dessa escravidão que te persegue’: de você querer comprar algo e não poder, de passar a vida inteira ganhando um salário mínimo. A mensagem é: deixe de ser empregado para se tornar patrão. Trata-se de um discurso de transformação social, política e econômica que defende dominar ao invés de ser dominado”.

Conforme aponta o historiador Julianio Spyer, citando conceito da antropóloga Susan Harding, cristãos evangélicos (não só os neopentecostais) são um tipo de “outro” na sociedade, ao rejeitar serem vistos como frágeis e vítimas do sistema. Essa rejeição gera, por vezes, antipatia de intelectuais “que se colocam como porta-vozes de indígenas, quilombolas e mesmo de pobres urbanos”.

Pude notar a rejeição à posição de vítima nas músicas cantadas durante a reunião. Uma delas era paródia de “Sorte Grande”, de Ivete Sangalo, em que o refrão “Poeira, levantou poeira” foi substituído por “Guerra, vou vencer a guerra”. Outra canção trazia o refrão “tenho em minhas mãos o poder para conquistar e possuir aquilo que minha fé determinar”.

Também não foram poucas as vezes em que ouvi pastores se referirem aos fiéis como vencedores ou vitoriosos.

A partir da linguagem, empoderam-se pessoas que, em geral, pertencem a camadas sociais menos privilegiadas. Nesse sentido, uma pesquisa do Datafolha divulgada em 2020 revelou que o segmento evangélico é mais negro do que o católico, com 59% de pretos e pardos, em comparação com os 55% deste último.

Além disso, as mulheres representam 58% dos evangélicos. Entre as congregações neopentecostais, a participação feminina chega a 69%, frente aos 51% do catolicismo.

O Censo Demográfico de 2010 já indicava forte presença das igrejas neopentecostais nas periferias das cidades, mostrando que 63,7% de seus fiéis recebiam no máximo um salário mínimo por mês.

Diferentes estudiosos do fenômeno evangélico são unâni- mes em afirmar que frequentar a igreja leva indivíduos geralmente desamparados pelo Estado a uma melhoria de vida,

favorecendo o abandono de vícios, o fim da violência doméstica e o acesso a redes de apoio entre congregados, por meio das quais é possível obter oportunidades de trabalho e até cestas básicas.

Não raro, os próprios pastores são oriundos de contextos de pobreza. “Eles normalmente emergem do mesmo meio social dos fiéis. Às vezes, chegam até a religião pela conversão, porque antes tinham uma série de problemas pessoais e familiares”, diz o doutor em ciência política Gabriel Burnatelli.

“Ao se converterem e virarem pastores, eles são reconhecidos e legitimados pelo próprio entorno social e vão amealhando fiéis que sentem identificação com eles”.

Outro atrativo relevante das neopentecostais é o empoderamento a partir da figura do obreiro. “No mercado de trabalho, a pessoa passa o dia sendo empregada de alguém, mas, depois, ‘vira a chave’ e vai para a igreja ocupar um posto de liderança, onde cumpre papel essencial para aquela comunidade”, descreve Odlinari Ramon.

Além de auxiliarem o pastor durante o culto, inclusive levando água e atendendo a outras necessidades práticas, os obreiros, que passam por um curso para exercer a função, são responsáveis por recolher o dízimo, interceder pela cura por meio da oração, acolher novos fiéis e organizar as dinâmicas das reuniões de um modo geral.

Depois da primeira reunião pós-Carnaval, entrevistei Iracema para conhecê-la melhor. Conversamos perto de seu trailer de lanches por duas horas. As histórias da paraibana – e as de outros fiéis que confiaram a mim seus relatos – merecem um capítulo à parte.

Capítulo 4

O que leva alguém à Universal?

Iracema e eu caminhamos por dez minutos da igreja na rua Butantã até a porta da estação da Faria Lima, onde ela vende salgados e bebidas em um trailer com o filho e a nora.

Minha entrevistada pegou um pedaço de bolo e ofereceu-me outro, que prontamente aceitei. Já passava de uma da tarde, e sentíamos fome.

Com caderno e caneta em mãos, dei início à entrevista. Optei por não usar gravador, para não intimidá-la. Escrevi rapidamente tudo de mais importante que ela me contou, alternando o olhar entre as anotações e seu rosto.

Comecei perguntando-lhe de onde vinha sua ligação com a fé. Iracema deu um suspiro, direcionou o olhar para o céu, e disse que, desde pequena, “sentia curiosidade em relação a Deus”. Tinha dúvidas sobre a vida e queria entender por que as pessoas morriam. Achava que, se alguém tivesse as respostas, seria ele.

Hoje com 58 anos, Iracema nasceu em Acopiara (CE), porém se mudou com a família para o sertão da Paraíba aos quatro anos e se considera paraibana em essência. A fome fazia parte de sua rotina na infância.

Obrigada a ser “vegetariana forçada” pela miséria, Iracema conta que desenvolveu uma relação de proximidade com a natureza, saindo em busca de frutos sempre que o estômago vazio se tornava insuportável.

“Estar tão perto do mundo natural me fazia, de alguma forma, estar mais perto de Deus”.

Enquanto a ouvia falar, sentei-me no único banco disponível em frente ao trailer, depois que ela recusou meu convite para ocupá-lo. Questionei-lhe o que a trouxe até São Paulo. Ela contou que, aos 19 anos, ficou grávida e decidiu vir em busca de uma vida melhor para si e para o filho que gestava.

Em meio à sua fala, um homem andrajoso se aproximou, com passos cambaleantes, e fixou os olhos no pedaço de bolo que Iracema segurava. Sem hesitar, ela estendeu-o em sua direção, e o homem arrancou um bocado com a mão, como se aquele fosse o gesto mais natural do mundo, e seguiu seu caminho, sem dizer uma palavra.

Incapaz de disfarçar minha surpresa, perguntei-lhe se ela o conhecia. A paraibana, talvez intrigada com meu espanto, respondeu apenas: “Não, nunca vi”.

A cena escancarou a complexidade daquela mulher, que mais tarde me revelaria orar para que o filho homossexual não fosse feliz enquanto não aceitasse Deus, mas que, ao mesmo tempo, ajudava sem julgamento um homem bêbado em farrapos.

Passada a interrupção, ela prosseguiu com a história, relatando que, ao chegar à capital paulista, conheceu um motorista de ônibus de 45 anos, com quem passou a viver. Ele assumiu o filho fruto do relacionamento dela com o ex-namorado e, mais tarde, tiveram outros três, dois homens e uma mulher.

Depois que o motorista de ônibus, com quem não se relaciona mais, conheceu um pai de santo, a família começou a frequentar um terreiro de umbanda. Segundo Iracema, ele levou para casa uma estátua de pomba-gira, que exigia “oferendas extravagantes”, como perfumes da Boticário e lingerie.

“Coisa que eu mesma nunca comprei para mim”, conta.

A paraibana só virou evangélica após um episódio traumático: quando seu filho, aos 13 anos, envolvido com o tráfico em Paraisópolis, onde viviam, cometeu um homicídio.

O “aviãozinho” teria recebido ordem para executar um dos criminosos na favela.

Ao saber do assassinato cometido pelo filho, Iracema entrou em desespero e, para tentar acalmar-se, vagou sem rumo pela cidade. Foi quando deu de cara com um templo da Universal, que até então só conhecia “de ouvir falar no rádio e na televisão”.

“O sofrimento era tanto que teria entrado na primeira porta que visse, fosse da Universal, Mundial ou da Igreja Católica”.

Assim que entrou no templo, prostrou-se diante do altar e orou pelo filho. Naquele mesmo dia, ele lhe prometeu que mudaria de vida. Meses depois, concluiu um curso técnico de manutenção de elevadores e conseguiu, enfim, desvencilhar-se da criminalidade, nunca tendo sido indiciado pelo homicídio.

Iracema, contudo, “tomou raiva” do sobradinho de três andares onde a família morava, por associá-lo ao período de agruras. “Vendi tudo, fiquei no zero”.

Mudou-se para o bairro do Campo Limpo, começou a frequentar a igreja quatro vezes por semana e se batizou. Nessa época, já trabalhava com um carrinho de lanches. Passou a se dedicar mais às vendas e, em dois meses, conseguiu comprar uma nova casa – “um presente de Deus”.

Tivemos que nos mudar de lugar para continuar a conversa, já que chegaram clientes, e sua nora pediu, com certa rispidez, para que eu cedesse meu assento. “Ela não gosta quando falo disso [do homicídio]”, explicou Iracema, como se pedisse desculpa pela esposa do filho.

Ficamos encostadas na mureta próxima à entrada do metrô, e Iracema me mostrou a aliança prata que levava no dedo anelar da mão esquerda. Não era um anel de casamento, pois nunca fora casada, mas um símbolo de seu pacto financeiro com Deus.

“Hoje como o que quero, só não posso ter vaidade”, define assim sua condição material.

A gratidão pelas conquistas é expressa pelo dízimo. Iracema conta que sempre pagou o tributo, mesmo que só tivesse R\$ 10 sobrando no fim do mês – hábito criticado pelos filhos.

Há dois anos, teve a fé abalada como nunca, quando o primogênito faleceu em um acidente de carro. Iracema quase tentou se matar. Quando estava no telhado de casa, prestes a pular, sentiu uma “mão” empurrando-a para trás.

A partir daí, optou por continuar viva, porém entrou em depressão profunda. O alento veio meses depois em um sonho: um anjo lhe dizia que seu filho estava no céu e que ela precisava se erguer para garantir a própria salvação e a de seu povo diante do que viria: o apocalipse.

Nesse momento, questionei-lhe quem seria seu povo. “Acho que minha família, meus filhos. E até você”.

Seu sonho é convencer os filhos a se converterem, especialmente aquele que é homossexual e se separou da esposa para se relacionar com uma travesti. Segundo Iracema, o namoro terminou graças às suas preces. Hoje, o filho “não é feliz com ninguém”, e ela torce para que continue assim até que encontre o caminho de Deus.

Apesar da crueldade de uma declaração como essa, pude ver que a mulher realmente acredita que o filho será condenado ao inferno se não negar sua orientação sexual. Torcer contra seus relacionamentos foi o meio que aquela mãe encontrou de garantir que ele ficaria infeliz o suficiente para, em algum momento, recorrer à igreja.

Buscando não transparecer espanto, mudei de assunto. Perguntei se Iracema concluiu o ensino básico. Ela disse que só cursou até a segunda série. Aprendeu a ler depois de adulta, na

Universal, pois queria conhecer a palavra de Deus com os próprios olhos.

A entrevistada passou a me explicar a diferença entre carne, alma e espírito. “Jesus leva o espírito quando a carne morre; já a alma, você escolhe por ela, ou céu ou inferno”. O Diabo – continuou – tenta de todas as formas afastar as pessoas da salvação.

Falava isso olhando para uma mulher em situação de rua deitada em um pedaço de papelão, aparentemente drogada, a poucos metros de nós. O culpado por ela estar naquela situação, de acordo com Iracema, era o Diabo.

Alguns minutos depois, enquanto ainda falava sobre céu e inferno, uma policial se aproximou da mulher caída no chão, ordenando que saísse dali. Ela se levantou aos berros, profere palavras, e recolheu seus pertences, empilhados em um carrinho de supermercado.

Ao passar por mim e por Iracema, atirou um pedaço de papelão sobre o pé da paraibana. Com olhos complacentes, esta observou a moradora de rua, limitando-se a sorrir, e depois disse:

“Viu? Não pode falar de Deus, que ele [Diabo] já fica bravo”.

Até aquele momento, tive a distinta impressão de que o conservadorismo de Iracema se refletiria em sua visão política. Ledo engano.

Quando questioneei se ela votava, na tentativa de introduzir a política na conversa, a entrevistada confirmou, pois acredita que Deus escolheu reis em Israel e continua selecionando representantes na Terra para governar nações.

Indaguei-lhe qual candidato escolheu na última eleição presidencial. Para minha surpresa, Iracema só votou no Lula e no PT (Partido dos Trabalhadores) até hoje. O porquê?

“Voto nele porque ele vê o lado dos pobres. Deus vai levantar um político que quer prejudicar os ‘pequeninhos’ e dar mais

poder para os ricos, sendo que Deus veio ajudar justamente os ‘pequeninhos’?”, indagou.

Ela enxerga Jair Bolsonaro como um dos políticos preocupados em fortalecer apenas “os grandes” e diz sentir gratidão a Fernando Haddad, pois conseguiu o alvará para o exercício da atividade de comerciante ambulante quando ele era prefeito de São Paulo.

“Antes, ficava sendo enxotada pela polícia por estar fazendo meu trabalho”.

Ao lembrar da vida sofrida na Paraíba, Iracema afirmou que “se o nordestino tem água e luz em casa hoje, é porque Lula levou”.

Perguntei se algum pastor já havia lhe indicado outro político em quem votar. Ela assentiu, mas garantiu que não se deixa influenciar, pois “nem todo pastor ou obreiro é de Deus”, e todos estão sujeitos às artimanhas do Diabo. A única voz que segue, garantiu, é a divina.

Nesse sentido, pesquisa do Datafolha realizada em 2024 mostra que a maioria dos evangélicos da capital paulista (78%) declara que seus pastores ou líderes religiosos não recomendaram voto na eleição presidencial.

Entre os que afirmaram ter recebido esse tipo de orientação, 17% relatam que a indicação foi em favor de Jair Bolsonaro. O índice é mais alto entre os neopentecostais, dos quais 24% mencionam recomendação de voto no ex-presidente que tentava a reeleição – percentual que cai para 16% entre pentecostais e 15% entre protestantes históricos.

No final da conversa, Iracema contou que seu pai abandonou a família quando ela tinha dois anos, após assassinar o cunhado em uma briga. Assim, Deus se tornou uma figura paterna para ela, repreendendo-a quando erra e afagando-a quando acerta.

Depois desta entrevista, sempre que alguém me perguntava o que eu havia descoberto de interessante durante a pesquisa para o livro, mencionava o caso de Iracema, a neopentecostal petista.

Aquela mulher contrariava os estereótipos comumente atribuídos aos evangélicos (em especial, aos neopentecostais), retratados como eleitores da extrema direita e massa de manobra ignorante de pastores – visão claramente elitista e generalizante.

Uma semana após a conversa com Iracema, encontrei-me com Carlos Alberto, o amigo que a acompanha nas reuniões, no mesmo lugar da primeira entrevista. O capixaba de 60 anos se mudou de Vitória para São Paulo em 2020. Hoje, trabalha também na porta da estação da Faria Lima, a poucos metros do trailer, vendendo bebidas e guloseimas.

Ele conta que sempre frequentou igrejas, entre elas a Católica e a Mundial do Poder de Deus, onde sua mãe atua como obreira, embora “fosse mais para socializar”. Rejeitava a ideia de virar crente, sobretudo quando via comportamentos contraditórios de pessoas que se diziam religiosas, mas agiam com maldade.

Um exemplo era a cunhada, que humilhava a própria irmã, que perdera um olho após ser atingida por um disparo de chumbinho feito por um ex-companheiro, chamando-a de “olho-podre”.

“Pensei: se isso é ser crente, não quero ser crente nunca”.

Na pandemia, Carlos se mudou para São Paulo “após um desentendimento”, sobre o qual não gosta de falar, e manteve um relacionamento à distância com a mulher com quem vivia há dez anos, desde que se separou da esposa.

Morou por três dias na rua até conhecer um pedreiro que o ajudou a conseguir trabalho em uma obra, como seu auxiliar,

recebendo R\$ 250 por semana. O colega também ofereceu um quarto para Carlos dormir.

Desde então, a adaptação à nova cidade ia relativamente bem, exceto por um problema: o vício em jogos de azar veio na bagagem do capixaba.

“Jogava todo fim de semana, da hora que saía do trabalho, na sexta, até segunda de manhã, quando ia trabalhar de novo, sem parar nem para dormir”.

O dinheiro que ganhava no ofício de auxiliar de pedreiro desaparecia nas noitadas de cartas e sinuca. O maior valor que já perdeu foi R\$ 220 – quase tudo o que ganhava em uma semana.

Outra dependência que tinha era o álcool, que sempre acompanhava os jogos. Ele se lembra de comprar duas latas de cerveja para beber enquanto dirigia, na época em que era taxista no Espírito Santo.

Depois do período na obra, Carlos passou a trabalhar fazendo bicos e como vendedor ambulante. No Carnaval de 2024, quando vendia bebidas no Parque Ibirapuera, enviou um vídeo do local para a namorada, com quem conversava por telefone diariamente.

Ela aparentemente ficou com raiva por ele estar na festa e nunca mais atendeu suas ligações – foram mais de cem em uma semana. Confuso e desesperado, o capixaba cogitou se matar. Foi então que a esposa do irmão de Iracema, dono do ponto onde Carlos trabalha atualmente, convidou-o para ir à Universal.

Na igreja, ele participou de encontros de um grupo de apoio para pessoas com vícios e conseguiu abandonar os jogos, o álcool e o cigarro. “Tomei nojo disso tudo”, afirma.

Nesse ponto da conversa, perguntei-lhe por que ele havia escolhido a Universal e não outra igreja, ao que me respondeu:

“Sinto que Deus está lá”. Encontrava ali um sentimento de paz e tranquilidade que não sentia na Mundial, por exemplo.

Ouvir a palavra de Deus através do pastor é sua parte preferida das reuniões. “Você acha que um homem ia conseguir falar da própria cabeça todas aquelas coisas? Que ele conseguiria tirar o demônio do corpo de alguém sozinho?”

Desde que passou a frequentar a igreja, Carlos diz que não sente medo quando sai de sua casa no Campo Limpo pela manhã. A morte deixou de ser uma preocupação. Sente-se protegido o tempo todo.

Para retribuir, dá o dízimo. Com a venda de bebidas e guloseimas, tira uma média de R\$ 50 por dia. O máximo que já vendeu foi R\$ 200. Por sentir que não está “nem caindo nem levantando na vida”, pede a Deus que o ajude.

“Quanto mais eu ganhar, mais a casa de Deus vai ganhar, formar mais pastores e salvar mais almas. Todo mundo ganha”.

Hoje, seu maior sonho é casar-se novamente com alguém com quem possa passar a velhice e se mudar para um sítio, longe da cidade e do “mundo sujo”.

Comentei que havia pensado que ele e Iracema fossem casados. Carlos sorriu, incapaz de disfarçar o orgulho, e chamou Iracema, que estava no trailer ao nosso lado, para reportar-lhe minha fala. A paraibana deu uma risada.

Durante nossa conversa dias antes, Iracema comentou que muitos dizem que Carlos é apaixonado por ela, mas não aceitaria se envolver com ele, porque, embora separado, ele não oficializou o divórcio, e ela se recusa a viver em pecado.

Ao final da entrevista com Carlos, questionei-lhe sobre suas preferências políticas. Ele disse que acha todos os políticos ladrões e que já votou tanto “nesse presidente aí” (Lula) quanto no anterior (Bolsonaro).

Assim como Iracema, negou que a igreja tenha influência sobre suas escolhas. “Não voto porque me mandaram. Você tem que ser dono da própria cabeça”.

Dias depois, reuni-me com outra fiel disposta a conversar. Era Jailane Santos, baiana de 23 anos que se mudou para São Paulo após se separar do marido, em 2021. Combinamos de nos encontrar em uma lanchonete antes da reunião de sexta-feira à noite.

Ao chegar, vi que segurava uma rosa nas mãos. Ela me explicou que o pastor consagraria a flor naquela noite para desfazer amarras em sua vida e abençoar seu lar.

Assim que nos sentamos, começamos a ler o cardápio. Comentei que sempre peço café expresso, e Jailane contou que preferia café coado, já que costuma tomar expressos na casa da patroa, onde trabalha como babá há menos de dois meses. No momento do pedido, no entanto, ela mudou de ideia e escolheu o mesmo que eu.

Saquei meu caderno e uma caneta e comecei a fazer-lhe perguntas sobre sua vida. A princípio, Jailane pareceu um pouco nervosa, mas se soltou nas perguntas seguintes. Em vários momentos, parecia ter se esquecido de que participava de uma entrevista. Admito que o mesmo me ocorreu.

Ela contou que é filha de pais divorciados e cresceu em uma família de sete irmãos. O pai é pedreiro, e a mãe tem um restaurante. Diferentemente das pessoas com quem havia conversado antes, o primeiro contato de Jailane com a Universal foi ainda na infância.

Embora seus pais não frequentassem a igreja, ela começou a ir, acompanhada de uma vizinha adulta, depois que um grupo de evangelização bateu à sua porta para convidá-la para atividades infantis em um dos templos.

Continuou professando sua fé mesmo quando passou a adotar comportamentos condenados por outros fiéis, como o uso de maconha, aos 11 anos. Além disso, “andava em más companhias”, como meninas que furtavam lojas, mas assegura que nunca fez isso.

O consumo de maconha se tornou um vício, somado ao hábito de fumar cigarros. Seu estilo de vida, incompatível com sua religiosidade, passou a ser alvo de críticas.

Após a separação, que atribui à imaturidade por ter se casado muito jovem, e já vivendo no bairro Jardim D'abril, em Osasco, Jailane viu o vício se agravar: fumava um maço de cigarros por dia, além de baseados de maconha.

Dizia isso com uma expressão séria, enquanto adoçava o expresso, que já esfriava na xícara, com dois sachês de açúcar (achou o café forte).

Até conseguir o atual emprego de babá, trabalhou como recepcionista em um motel. Sentia-se muito sozinha desde que chegou em São Paulo, apesar de seu pai também viver aqui hoje. Um “sentimento de vazio” a inundava e a fazia fumar cada vez mais.

Quem vê a jovem de cara lavada, usando calça jeans, tênis, camiseta e tranças arrumadas não imagina que, pouco mais de um ano atrás, ela saía de casa com short curto, decote, salto alto, cílios postiços volumosos e maquiagem pesada.

No fim de 2024, após começar a frequentar a Universal de Pinheiros a convite de evangelistas, Jailane se batizou e mudou radicalmente de estilo. Assim como Amanda, do grupo de jovens, a baiana tem tatuagens e não se sente julgada por isso na igreja.

Ainda que procure se vestir de forma comportada, gosta de poder usar roupas de uma jovem comum. Essa liberdade na

escolha das vestimentas é um traço da Universal, explica o sociólogo Ricardo Mariano em seu livro já mencionado.

“Com exceção dos pastores, sempre engravatados, e dos obreiros, todos uniformizados, os fiéis vestem-se como bem entendem. No verão, é comum a presença de fiéis vestindo bermudas nos cultos. Edir Macedo é contumaz crítico do que nomeia de as ‘vestes dos santos’. Para ele, o crente deve combater o Diabo em vez de se preocupar com usos e costumes *démodé*, que não passam de mais uma artimanha do inimigo”.

Mesmo para uma igreja mais flexível, Jailane acredita que suas roupas de antes seriam vistas como escandalosas. Ela conta que gostava de andar pelas ruas e sentir o olhar dos homens sobre ela, como se estivesse sendo adorada. Hoje, crê que toda adoração deve ser destinada a Deus.

Também abandonou os vícios em maconha e cigarro. As evangelistas que a visitaram em 2024 lhe deram um óleo de unção e a orientaram a passar uma gota na testa e a orar sempre que sentisse vontade de fumar. Jailane adotou o hábito até mesmo quando amigos – que se afastaram dela após sua conversão – fumavam em sua casa.

“Fumei meu último baseado no dia 21 de novembro”, relata. No dia anterior, um domingo, ela havia ido à igreja em jejum para a reunião das sete da manhã e permaneceu sem comer até as três da tarde. Foi a primeira vez, desde a pré-adolescência, que conseguiu passar um dia inteiro sem fumar, e então sentiu que poderia parar se quisesse. No dia seguinte, permitiu-se um último cigarro.

Hoje, ela frequenta a igreja pelo menos duas vezes por semana. Lá, fez novas amizades. Uma delas é Jucélia, sua vizinha de bairro, que, quando me conheceu, disse ter interesse em me conceder uma entrevista, mas acabou mudando de ideia, assim como outros fiéis.

Entendo que contar sua história de vida e de fé a uma jornalista que escreve um livro não seja tarefa simples. Provavelmente também me sentiria receosa e tímida se estivesse no lugar desses fiéis.

É por isso que sou grata a Iracema, Carlos e Jailane por terem confiado em mim e se aberto com tamanha franqueza quando conversamos.

Respondendo à pergunta que dá nome a este capítulo, o que, em geral, leva alguém à Universal é o desejo de melhorar de vida, seja buscando apoio para abandonar vícios e preencher um vazio existencial, como no caso de Jailane e Carlos, seja procurando força para enfrentar dramas familiares, como Iracema.

A questão maior é: o que faz alguém permanecer na Universal e nas igrejas evangélicas em geral?

Conforme explica Maxwell Pinheiro Fajardo, doutor em história pela Unesp (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita) e autor do livro “Onde a luta se travar: uma história das Assembleias de Deus no Brasil” (2017), migrantes que chegam em São Paulo e são empurrados para a periferia encontram nessas igrejas “um caminho para a atenuação das carências oriundas da vulnerabilidade social a que estão submetidos”.

Em artigo para a Revista do Núcleo de Estudos de Religião e Sociedade, o pesquisador afirma que o “associativismo religioso” é uma forma de capital social em meio a uma cultura urbana que valoriza a impessoalidade e o individualismo.

Não por acaso, Iracema, Carlos e Jailane são migrantes que chegaram a São Paulo sem qualquer rede familiar. Na igreja, eles acharam uma nova casa.

Capítulo 5

Um exorcismo e um batismo

Depois da conversa com Jailane, voltamos para a igreja, que fica a poucos metros da lanchonete onde estávamos antes. Cogitei me despedir, pois participaria de uma reunião na manhã seguinte.

Porém, ao me deparar com obreiros usando jalecos brancos, soube que não conseguiria ir embora. Precisava ver o que aconteceria. Foi uma escolha acertada: naquela noite, assisti a um rito de exorcismo.

Assim que chegou, o pastor pediu para que os fiéis se dirigissem ao altar com suas rosas em mãos. Formou-se uma fila, e o homem, usando um jaleco sobre a roupa social preta, abençoou cada flor, rezando para quebrar as amarras na vida dos presentes.

Todos voltaram aos seus lugares, e o pastor começou a falar sobre famílias condenadas à infelicidade devido a trabalhos espirituais realizados contra seus antepassados. Segundo ele, encostos estariam impedindo o sucesso financeiro, a estabilidade nos casamentos, a saúde e a harmonia no lar daquelas pessoas.

Novamente, os fiéis foram convidados a ir para a frente do altar. Permaneci sentada, como de costume, para fazer anotações do que observava. Uma obreira, entretanto, solicitou que eu me juntasse aos demais. Constrangida em contrariá-la, levantei-me a contragosto, segurando meu caderno e caneta, e me pus perto do grupo de aproximadamente 15 pessoas.

Poucos minutos depois de o pastor iniciar um pedido efusivo para que Deus desfizesse a maldição de gerações, enquanto fiéis mantinham as mãos erguidas e obreiros sussurravam

orações, um homem soltou um berro gutural. Todas as cabeças se viraram para ele.

De forma quase coreografada, o pastor pediu para que um dos obreiros o segurasse, a fim de impedir que o espírito machucasse seu corpo. Em seguida, pôs a mão na cabeça do posseso, que se debatia e emitia grunhidos indecifráveis, e ordenou:

“Pode sair agora, encosto, espírito que tem agido na vida deste homem, passando de geração em geração na família dele. É porque você está lá, Diabo, que nessa família todo mundo trai, todo mundo se separa, todo mundo é infeliz”.

Os obreiros voltaram a circular entre os fiéis, tocando suas cabeças e expurgando forças demoníacas. Nessa hora, dei alguns passos para trás, tentando desencorajar que se aproximassem de mim.

O pastor prosseguiu: “Você, encosto, não deixa essa pessoa dormir, faz com que ela veja vultos e escute alguém chamando o nome dela no quarto de madrugada, porque é você que está lá, Diabo”.

Perguntou, então, quem estava no corpo do posseso. Este respondeu “Lúcifer”, com a voz grossa e rouca, como em um filme de terror.

Foi então que notei um homem de camiseta cinza, aparentemente um uniforme, saindo por uma porta ao lado do altar. Supus que fosse um prestador de serviço que acabara de realizar algum conserto nos aposentos da igreja. Caminhou rapidamente até a saída e, ao passar pelos fiéis reunidos, deixou escapar um sorriso.

Nossos olhares se cruzaram, e me pergunto se ele percebeu que eu, assim como ele, era uma estrangeira ali, observando o ritual com igual estranheza.

A essa altura, o posseso já se encontrava ajoelhado no chão, e “Lúcifer” supostamente começou a responder ao pastor o que

estaria causando na vida do homem. Revelou que fortalecia seus vícios, instigava pensamentos suicidas, enchia seus olhos de maldade e impedia sua prosperidade.

O pastor solicitou que os fiéis estendessem as mãos em direção ao homem “em nome de Jesus” e ordenou que o ajoelhado erguesse os braços. Relutante, este só obedeceu após um grito de “agora” do pastor.

Ele ordenou que o espírito maligno desfizesse seu trabalho. “Desenterra e fala o que você está desenterrando”.

Aos poucos, o possesso foi murmurando frases como “a carteira de trabalho” e “a vida amorosa”. O pastor insistiu: “Tem mais alguma coisa? Tem mágoa? Então passa a mão no coração dele, devagar, e retira a mágoa que você colocou”.

Determinou ainda: “Agora, sem machucar, arranca também a podridão que você lançou nos olhos dele”. Em seguida, pediu a Deus que visitasse as gerações da família daquele homem, quebrando toda maldição hereditária, e que derramasse sobre ele o Espírito Santo.

Os fiéis, mais uma vez, estenderam as mãos. O pastor entoou a invocação de sempre: “Seja queimado todo mal, em nome de Jesus, sai!”. Repetiu a ordem três vezes, acompanhado pelos congregados.

Após a sequência de expulsões, mandou que o Diabo abrisse os olhos do fiel, ainda ajoelhado, e declarou: “Você perdeu a vida dele hoje. Está proibido de voltar, porque meu Deus colocará anjos para protegê-lo”.

Por fim, perguntou ao homem como ele se sentia. Com a voz normal, este respondeu que estava bem.

De acordo com a socióloga Lívia Reis, as práticas de libertação e cura são complementares. “É feita uma sessão de descarrego para libertar e curar a pessoa daquele mal, mas o corpo do

crente não pode ficar vazio. Ele tem que ser preenchido pelo Espírito Santo. Por isso, depois ele passa a frequentar as sessões de cura, nas quais o Espírito Santo é chamado para tomar seu corpo”.

Concluído o rito de exorcismo, todos retornaram aos seus lugares. O pastor então começou a dizer que, assim como na rosa, cujo caule espinhoso antecede a flor, o caminho até Jesus é repleto de provações. Analogias desse tipo são comuns nas reuniões da Universal e trazem maior didatismo às pregações.

Exemplo similar foi quando outro pastor, naquela mesma igreja, comparou o batismo nas águas a um passaporte e o Espírito Santo a um visto para viajar aos Estados Unidos: para chegar ao céu, não bastava ter sido batizado, era preciso também receber o “visto”, ou seja, o Espírito Santo, por meio de uma vida pautada nos preceitos cristãos.

Antes do encerramento da reunião de libertação, o pastor distribuiu envelopes de oferta para quem quisesse “cooperar com a obra de Deus na Terra”. Para incentivar os fiéis, mencionou que, naquele mesmo dia, havia dissuadido uma mulher do suicídio porque a igreja estava aberta para acolhê-la na hora que ela a procurou.

Se desejassem manter o templo funcionando sete dias por semana, era necessário contribuir. Ao final, anunciou que permaneceria disponível para atendimentos individuais a quem quisesse.

A disponibilidade das igrejas pentecostais e neopentecostais é um atrativo notável, diz o pesquisador Odlinari Ramon.

“A Universal fica aberta sete dias por semana, como um hospital. Se alguém quiser orar, basta ir até lá. Os pastores são mais acessíveis do que nas protestantes históricas, de um modo geral, em que há igrejas com gabinete, por exemplo, onde é preciso marcar horário para falar com o pastor”.

Além do rito de exorcismo, presenciei um batismo no período em que frequentei a Universal. A cerimônia aconteceu depois de uma das reuniões de domingo, no templo da rua da Consolação.

Naquela manhã, o pastor, que era o mesmo do dia em que fui acompanhada de meu amigo, falou sobre depressão e incentivou fiéis a levarem um parente, amigo ou colega que sofresse do problema à igreja no domingo seguinte.

Outro tema enfatizado foi a importância de se tornar um “pescador de almas”, incentivando pessoas a se aproximarem da fé. “Mas não devemos ter fanatismo”, ressaltou, sugerindo esperar o momento certo para tocar no assunto, sem insistência. “Aproveite os buracos na conversa com a família para falar de Jesus”.

Antes de evangelizar outros, seria necessário abandonar os próprios pecados. “Vocês devem agir como Pedro e se reconhecerem pecadores. Deixem no passado amantes, vício, prostituição”, dizia.

Depois que o pastor puxou um coro, entoado pelas dezenas de fiéis que lotavam a igreja, com o refrão “Eu vou lançar a minha rede ao mar, para muitas vidas alcançar, sou pescador de almas”, teve início o momento do dízimo.

Homens de terno azul e mulheres de vestido cinza passaram recolhendo as contribuições. Em tom sério, o pastor disse que “todas as formas de pagamento são aceitas por Deus, mas prefira o app [portal Universal]”. Aquela foi provavelmente a frase mais caricata que ouvi durante minhas passagens pela igreja.

Sinal de compromisso com Deus, o dízimo é visto como etapa necessária para a salvação da alma. A ideia de se purificar dos pecados ressurgiu na cerimônia de batismo, da qual participei, como espectadora, a convite de Amanda, do grupo de jovens.

Subimos as escadas até o segundo andar do edifício, onde havia um tanque batismal semelhante a uma banheira. O jovem que seria batizado, Hilbert, não aparentava ter mais de 20 anos. Vestia uma bata preta que lhe cobria dos ombros até a metade das canelas.

Outro pastor, do primeiro dia, em que conheci Nadir, estava lá. Enquanto o tanque era enchido, aproximou-se de mim e me surpreendeu com a pergunta: “O que você tem aprendido aqui?”.

Todos ao meu redor se calaram. Percebi que esperavam uma resposta que demonstrasse alguma aproximação minha com Deus ou algo do tipo. Respondi apenas a verdade: que estava descobrindo os diversos motivos que levam as pessoas à igreja.

O pastor demonstrou certa desconfiança, mas logo voltou sua atenção para o grupo. “Quem tinha depressão antes de vir para cá?”, perguntou. Dois participantes, incluindo uma obreira, levantaram a mão. “Quem se mutilava?” A mesma obreira respondeu que não se mutilava, mas arranhava o próprio rosto até quase feri-lo.

“Quem aqui era viciado em drogas?” Algumas pessoas ergueram a mão. Uma menina fez a ressalva de que fumava maconha, mas não se considerava dependente.

Senti alívio ao notar que o foco havia saído de mim. O pastor, então, afirmou que todos ali perceberam que festas e drogas não supririam o vazio que sentiam – e que Hilbert se purificaria de tudo isso ao ser batizado.

Ele ficou ao lado do jovem, já posicionado diante do tanque, e lhe afirmou que ele renasceria naquele dia. Poderia recommençar do zero.

Hilbert se sentou no tanque, e o pastor segurou sua cabeça, mergulhando-a rapidamente na água. Ao voltar para a superfície, o menino sorriu. Todos bateram palmas.

Hilbert saiu do tanque pingando, sob advertências para tomar cuidado para não escorregar. Atrás de mim, ouvi alguém dizer: “Parece um recém-nascido mesmo”.

Ao final, o grupo se juntou para uma foto. Como sempre, fizeram questão de me incluir.

Em 23 anos de vida, nunca havia presenciado o batismo de um adulto. Minhas únicas lembranças de batismos eram de primos que passaram pelo rito ainda nos primeiros meses de vida, na Igreja Católica.

Naquela manhã, voltei para casa com a sensação de que, a cada dia, compreendia um pouco mais a fé daquelas pessoas, que agora tinham rosto, personalidade e história para mim.

Capítulo 6

Médicos da Universal

Voltei à Universal na rua da Consolação para mais uma reunião de domingo, a convite de Maria José, que conheci em uma das primeiras visitas ao templo. Cheguei com dez minutos de atraso e percorri a lateral das fileiras até encontrar o lugar onde ela costuma ficar.

Sentei-me ao seu lado. Com a Bíblia aberta no colo, a mulher me lançou um breve sorriso, logo virando-se para frente para assistir ao vídeo que começaria a ser exibido no telão.

Na gravação, bispos da Universal, incluindo Edir Macedo, estavam em Israel e aconselhavam os fiéis: “Se você tem sido perseguido, saiba que é bem aventurado. Se te trazem fake news, falando ‘olha aí sua igreja’, compreenda que você faz parte de uma igreja que é perseguida”.

Na sequência, o pastor conduzindo a reunião se ajoelhou de costas para os presentes, com os cotovelos sobre uma cadeira no altar, e começou a falar com Deus.

“Tem gente aqui sendo perseguida no trabalho por causa da fé. Rotulam essa pessoa de diversas formas, chamam de cren-te como ofensa. Gostam de nós até descobrirem que somos de Deus e da Universal. Somos perseguidos, mas somos bem aventurados, porque não negamos a fé em ti, Senhor”.

Ele pediu, então, para que Jesus tirasse o pecado da vida de todos os presentes. Após mandar os congregados colocarem a mão sobre o coração, começou a proferir, em tom de súplica, frases como “Deus, eu te amo, eu te adoro, eu te louvo”.

Conforme sua voz se tornava mais alta e chorosa, fiéis também intensificavam seus sussurros. O homem sentado à minha frente esfregava as mãos vigorosamente enquanto murmurava: “O senhor livrou minha alma do inferno, do tormento eterno”.

A temática do pecado dominou a reunião daquele domingo. Foi exibido o versículo João 8:4, que narra o célebre episódio da mulher pega em adultério e levada até Jesus. Em vez de julgá-la e condená-la ao apedrejamento, ele convidou os acusadores a refletirem sobre seus próprios pecados, e, por fim, orientou a mulher: “Vai e não peques mais”.

O pastor conectou o evangelho à vida dos fiéis afirmando que todos os seres humanos pecam, porém o importante é rejeitar o pecado, o que significa, em última instância, “renunciar ao Diabo e à morte”. “Jesus veio para nos dar a vida, mas há pessoas que ainda assim morrem espiritualmente porque rejeitam a salvação”, criticou.

O que mais me inquietou nos encontros que acompanhei na Universal foi essa ideia de que, para alcançar o céu, é preciso viver atormentado pelo medo e por uma constante autoflagelação mental, resultante da culpa por ser um pecador nato.

Ao final da reunião, as mulheres foram convidadas a subir até o segundo andar para assistir a uma palestra sobre prevenção do câncer do colo do útero, como parte da campanha de conscientização do Março Lilás.

Maria José confirmou que participaria, e decidi acompanhá-la, pois havíamos combinado no dia anterior que faríamos nossa entrevista após o culto.

Fiquei aguardando-a terminar a conversa com uma amiga para subirmos juntas. Nos minutos em que fiquei parada ali, obreiros e fiéis passaram por mim e me cumprimentaram. Alguns deles já sabiam meu nome.

Quando notou que eu permanecia parada ao pé da escada, Maria José exclamou: “Menina, você ainda está aí? Pode subir”.

Fui sozinha até a sala onde seria realizada a palestra e me sentei em uma das cadeiras de plástico enquanto as mulheres seguiam conversando do lado de fora.

Pouco a pouco, elas foram ocupando seus lugares. Quando Maria José apareceu, imaginei que se sentaria ao meu lado, mas ela se colocou algumas fileiras à frente. Parecia me evitar.

O encontro foi conduzido por um casal de obreiros, ambos médicos, que representavam o grupo de saúde da Igreja Universal. Depois de uma oração, os dois se apresentaram e começaram a falar sobre a importância de alinhar saúde e fé.

“A pior coisa é quando a pessoa coloca na cabeça uma doença que não existe”, enfatizou o homem ao defender que a ciência é falha e, por isso, não se deve confiar cegamente nos médicos.

“Quando vocês forem ao médico, peçam para o Senhor falar através dele, porque o Diabo pode fazer isso também”, aconselhou sua parceira.

Naquele momento, imaginei que as falas seguintes recairiam em negacionismo científico, com questionamentos sobre a eficácia das vacinas, por exemplo. Estava enganada.

Embora o discurso inicial tenha sido confuso e quase anti-científico, o casal logo deixou claro que questionar a medicina não significa negá-la, mas sim recusar-se a aceitar passivamente um diagnóstico desfavorável.

Para quem tem fé, é fundamental manter a esperança e buscar todos os recursos disponíveis para a cura, incluindo a oração, ressaltaram. Ainda assim, esperança por si só não basta – é preciso aliá-la à prevenção.

No caso do câncer de colo do útero, explicou a médica, deve-se realizar exames ginecológicos regularmente e tomar a

vacina contra o HPV (vírus do papiloma humano), principal causador da doença, além de adotar um estilo de vida saudável.

“Se a pessoa não trabalha, não levanta cedo, ela não prospera. Com a saúde, é a mesma coisa. Se acharmos que ela vem de graça, se não nos cuidarmos, vamos adoecer lá na frente”.

A fé tem o poder de acelerar a recuperação de uma doença, afirmaram os palestrantes. Para minha surpresa, a mulher exibiu, neste momento, uma notícia da Folha de S.Paulo daquele mês (“Conselho Federal de Medicina cria comissão de espiritualidade para entender impacto da fé na saúde”), como evidência de que o crente teria maiores chances de se curar.

“Se até o CFM crê, por que, a gente, que crê em Deus, não vai acreditar também na cura?”

Minutos depois, obreiros homens se retiraram da sala para que as fiéis pudessem tirar dúvidas sobre o câncer de colo de útero. Entre as perguntas, surgiram questões como até que idade era necessário fazer exames preventivos e mesmo se o papanicolau poderia ser realizado em casa, com um cotonete.

Em meio à série de questionamentos e respostas da médica, obreiras relataram histórias de colegas da igreja que ignoraram sintomas e enfrentaram complicações de saúde – em alguns casos, com desfechos fatais.

“Fiquem atentas aos sinais do corpo. Não é normal sentir dor”, orientou uma delas.

Após o esclarecimento das dúvidas, os homens foram convidados a retornar, e o grupo encerrou o encontro com uma oração do Pai Nosso.

Depois, todos se dirigiram ao fundo da sala, onde uma mesa havia sido montada com bolos, biscoitos, café e chá. Aproveitei o momento para me aproximar de Maria José, na expectativa de que pudéssemos conversar, como combinado.

Ficamos lado a lado, em silêncio. Esperei que ela terminasse seu pedaço de bolo para puxar assunto. Depois de comentarmos sobre a reunião, perguntei, enfim: “É hoje que vou ouvir sua história?”

Quando nos conhecemos, ela mencionou que foi mãe de santo por mais de duas décadas e prometeu que um dia nos reuniríamos para que me relatasse sua trajetória de vida.

Maria José sorriu e segurou minha mão, com uma expressão ao mesmo tempo gentil e séria, como quem se prepara para dar uma má notícia.

“Não posso te falar nada, porque ainda não recebi o Espírito Santo”, disse. Pedi para que esclarecesse o que queria dizer com isso.

Ela explicou que ainda não se sentia blindada espiritualmente contra forças demoníacas e que temia incorporar um “encosto” durante a entrevista.

“Se isso acontecer, o que eu vou fazer? E pior: o que você vai fazer?”

Sem palavras, apenas questionei por que ela achava que não havia recebido o Espírito Santo.

“Ainda dou má resposta, me irrita com os outros”.

Uma mulher se aproximou para conversar com Maria José. Aproveitei a pausa para circular pela sala e arejar os pensamentos. Ao retornar, peguei um pouco de café e notei que um grupo de idosas havia se formado ao redor dela.

Quando o grupo se dispersou, Maria José se aproximou de mim, agora mais disposta a conversar. Perguntei, então, onde ela nascera, ao que me respondeu: Minas Gerais.

Quando descobriu que também sou mineira, Maria José pareceu se sentir mais à vontade. Foi então que começou a se abrir. Quase sem perceber, já compartilhava sua história.

Ela disse que nasceu no sul de Minas Gerais e passou a maior parte da juventude no interior de São Paulo. Mudou-se para a capital aos 28 anos. Ao longo da vida, trabalhou como cuidadora, cozinheira e até produzindo fermento natural. Atualmente, cozinha em uma casa. Lá, mora em um quarto.

Nas duas décadas em que foi mãe de santo, “era adorada e recebia presentes”. Nesse período, chegou a ser rainha de uma escola de samba no interior. Perguntei se sente falta da adoração. “Nem um pouco. Hoje, só adoro a Deus”, afirmou, categórica.

A aproximação com a fé evangélica veio depois de um acidente, quando se queimou com óleo trabalhando como cozinheira. Ainda hoje traz marcas escurecidas nos braços.

À época, sentindo uma dor excruciante, rezou para que as entidades a curassem, mas nada aconteceu. Sua crença começava a se abalar. O alívio só veio mais tarde, quando entrou em um templo da Universal por acaso e finalmente sentiu que o sofrimento se dissipara.

Durante todo o tempo em que conversamos, o casal de médicos permaneceu cercado por mulheres que lhes faziam perguntas, sempre relatando em extensivos detalhes seus quadros de saúde.

Após se despedir de mim com um abraço, Maria José passou por eles e comentou, bem-humorada: “É melhor vocês irem embora, ou elas não vão parar nunca”.

Capítulo 7

Refúgio de perigos

Em um domingo à tarde, participei de mais um encontro da Força Jovem Universal, desta vez em Pinheiros, com o tema “Vida em cores”, voltado para jovens que sofrem de depressão.

Assim que entrei, vi o grupo reunido diante do altar, dançando e cantando paródias de músicas que continham versos como “Nunca mais esquecerei o dia em que encontrei Jesus na Igreja Universal”. Ao fundo, um telão exibia a frase: “Nem as cores do Carnaval foram suficientes para colorir sua vida”.

Com camisetas combinando, os participantes pulavam em movimentos quase sincronizados. Sentei-me para observar a diversão por mais de dez minutos.

Quando a música finalmente parou, todos voltaram aos seus lugares. O pastor se colocou diante deles, que rapidamente se endireitaram, substituindo os risos alegres por um ar solene.

“Sei que tem gente aqui que precisou juntar forças para conseguir dançar com os colegas hoje” – foi a primeira frase que disse.

Então, convidou todos a se colocarem de pé, pedindo a Deus para interceder por aqueles que “simplesmente não conseguem ser felizes” e “arrancar tudo o que não presta: pensamentos de sumir, de se cortar, de se atirar de um prédio ou de se jogar na frente de um ônibus”.

Depois, pediu para que todos colocassem as mãos sobre a cabeça, rogando: “Nós damos uma ordem para que todo o mal, as trevas, o espírito que coloca tristeza nessa pessoa, seja queimado, quebrado, acorrentado”.

Direcionou-se ao suposto espírito em seguida. “Você, espírito responsável pela esquizofrenia, pela tristeza profunda, em nome do senhor Jesus, saia!”

Como em vários outros episódios, ficou claro que o Diabo é responsabilizado por toda sorte de problemas na visão neopen-tecostal, até mesmo psicológicos.

Uma jovem foi até a frente para contar que, quando tinha 15 anos, afastou-se da igreja, iniciando um relacionamento frustrado, e também começou a beber. Nesse período, ela era acometida por um sentimento de vazio. Hoje, reconectada com a fé, garante ter se curado da angústia.

O pastor aconselhou os demais a se inspirarem naquele exemplo. Uma vida afastada de Deus traria apenas tristeza. Por isso, era preciso tomar cuidado com as amizades de fora.

“As pessoas que a vida inteira você considerou suas amigas estão ao seu lado agora, te apoiando na melhor escolha da sua vida, que é seguir Deus? Só quem está aqui nesta igreja é seu amigo de verdade”.

Essa noção de comunidade é certamente um dos fatores que atraem 12,4 milhões de jovens brasileiros à fé evangélica, conforme calculou o Datafolha em 2020. Na juventude, fase em que há uma busca ativa por pertencimento, estar junto a pessoas que compartilham a mesma crença pode significar um lugar no mundo.

As relações forjadas na igreja seriam, nessa perspectiva, um refúgio em meio a uma sociedade tomada pelo pecado, defendia o pastor naquela tarde de domingo.

Em outros momentos, observei que, nas reuniões e eventos da Universal, perigos contemporâneos recebem nomes explícitos. Ouvi pastores orientarem fiéis, por exemplo, a não se

deixarem enganar por jogos de aposta online como o “jogo do tigrinho”. Há uma conexão constante do discurso religioso não apenas à vida dos fiéis, mas também ao contexto sociocultural mais amplo.

Quando o encontro de jovens estava prestes a acabar, um temporal irrompeu no céu até então límpido daquela tarde de domingo, acompanhado de trovões que pareciam fazer as paredes da igreja tremer.

Todos os celulares apitaram ao mesmo tempo, com um alerta da Defesa Civil orientando a população da zona oeste e do centro de São Paulo a se abrigar em locais seguros devido ao risco de alagamentos.

Quase todos se dirigiram até a entrada da igreja, de onde observaram, pelas portas de vidro, a enxurrada ganhar força, enquanto uma obreira espalhava bacias pela igreja para conter as goteiras.

Fiquei parada perto do grupo sem dizer nada, até que duas obreiras, Andréia e Aline, vieram até mim. Já conhecia Aline de outras reuniões, porém nunca havíamos conversado. Ela era jovem, alta e estava sempre maquiada, com os cabelos presos em um coque.

Aline e sua colega, provavelmente uns quinze anos mais velha, perguntaram por que eu estava ali. Fornei a explicação de sempre. Ambas pareceram levemente desconfiadas.

“E o que você fica anotando no caderno?”, perguntou a mais nova, desta vez deixando clara sua curiosidade – um questionamento que até então ninguém havia feito. Disse que escrevia sobre a dinâmica dos cultos e as falas dos pastores.

“Então você anota os versículos?”

“Às vezes”, respondi.

Aline pareceu se dar por satisfeita. Andreia, no entanto, quis saber mais sobre o livro e parecia não compreender por que escolhi a Universal, e não outra igreja ou religião.

Segui explicando e, um pouco depois, mudei de assunto, pedindo para que me contassem como era o trabalho de obreira e há quanto tempo as duas estavam na igreja. Ensaíadas e artificiais, as falas que se seguiram pareciam tiradas de um folheto para evangelização.

“Nosso trabalho é salvar almas”, resumiu uma delas.

Grande parte de quem as procurava era jovem, de famílias desestruturadas, e se comprometia a abandonar uma vida de vícios e, por vezes, de criminalidade para se dedicar à igreja.

Fiz perguntas para tentar conhecer melhor suas próprias histórias, mas elas se esquivaram de todas, voltando a falar de Deus e da salvação.

Com ar de quem detinha uma verdade oculta a mim, Andréia questionou se alguma fala do pastor havia me tocado. Fui honesta: estava ali como pesquisadora, escutando as pregações de um jeito diferente dos fiéis.

Aline me interrompeu para pedir para que, mesmo assim, eu me abrisse à palavra de Deus. Sua amiga assegurou que a igreja seria o lugar para me ajudar a resolver meus sofrimentos.

“Você tem muitos problemas, não?”

Um pouco sem paciência e cansada daquele discurso ensaiado, disse que, sinceramente, não estava com tantos problemas assim.

“Mas, com certeza, se você vier mais às reuniões, vai achar esses problemas que acha que não tem”.

Provavelmente essa foi a interação mais frustrante que tive na Universal. Senti que conversava com autômatos desprovidos de qualquer personalidade e pensamentos próprios,

repetindo falas ensaiadas a cada nova interação com um possível fiel.

Suponho que, se a conversa tivesse ocorrido fora da igreja, talvez elas pudessem ter deixado o papel de obreiras de lado e interagido de forma mais espontânea, como ocorreu com os fiéis de quem me aproximei anteriormente.

Posfácio

Frequentar a Igreja Universal por meses me ensinou que o neopentecostalismo, assim como o movimento evangélico, é muito mais amplo e diversificado do que imagina grande parte das pessoas.

Surpreendeu-me o constante diálogo dos cultos com dilemas da contemporaneidade, com pastores falando abertamente sobre temas como depressão, vícios (inclusive em apostas online), precariedade no mercado de trabalho e empreendedorismo.

A linguagem direta e o uso frequente de analogias tornam as mensagens facilmente compreensíveis para os fiéis, que têm a seu dispor uma ampla variedade de reuniões temáticas ao longo da semana.

Abertos todos os dias, os templos da Universal são, muitas vezes, um lar para migrantes e pessoas em situação de vulnerabilidade, oferecendo acolhimento emocional e laços comunitários.

Ao propagar a ideia de que todos são vencedores, o neopentecostalismo aproxima-se do discurso neoliberal ao valorizar a superação individual e a recompensa – neste caso, divina – como resultado do esforço pessoal.

Fica evidente, no entanto, o risco de atribuir ao Diabo a responsabilidade por todos os males, de transtornos psicológicos e doenças a conflitos interpessoais. A figura satânica era mencionada quase com a mesma frequência que a de Deus, o que revela sua centralidade no *ethos* neopentecostal. Reduzir problemas sociais complexos a uma ação demoníaca soa simplista e alienante.

Talvez o principal aprendizado que tirei dessa experiência tenha sido a constatação de que a vivência religiosa é muito mais complexa do que os estereótipos do evangélico conservador – ou, pior, do neopentecostal alienado – permitem supor. Personagens como Iracema – uma mulher pobre, nordestina e, de fato, conservadora – não cabem em categorias simplistas.

Apesar de todos os indícios sugerirem o contrário, ela expressa afinidade surpreendente com pautas da esquerda progressista. Iracema não é massa de manobra dos pastores: tem convicções próprias e as defende com firmeza.

Cito Iracema porque sua trajetória simboliza perfeitamente a necessidade de evitar generalizações ao se estudar o fenômeno evangélico – algo já amplamente ressaltado por estudiosos do tema, cujas obras me acompanham e me inspiram ao longo deste processo.

A Igreja Universal e seus fiéis não podem ser reduzidos a fórmulas fáceis ou explicações apressadas. O termo neopentecostal – alvo de questionamentos, como destaquei – abarca um campo diverso, assim como o movimento evangélico em si.

É benéfico que estudos sobre o tema tenham ganhado força nos últimos anos, e espero ter contribuído para iluminar essa “descoberta” de pesquisadores, jornalistas e da própria população: a do Brasil evangélico.

Este livro-reportagem oferece uma imersão na Igreja Universal do Reino de Deus, explorando as complexidades do movimento evangélico no Brasil, que exerce crescente influência sobre a sociedade, da política aos costumes. A autora, jornalista, observa o fenômeno a partir de meses de observação de cultos, encontros de jovens e rituais como batismos e exorcismos.

A obra destaca aspectos do neopentecostalismo, como sua linguagem direta e a ênfase na prosperidade, além de examinar o papel central do Diabo no discurso dos pastores e a ideia de "guerra espiritual". Por meio de personagens com histórias de vida diversas, a autora investiga quem são os fiéis da igreja de Edir Macedo e o que os leva até essa congregação.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

VICTÓRIA BAHIA CANÇADO PACHECO

NA ROTA DA FÉ
Ritos, relatos e cotidiano na Igreja Universal do Reino de Deus

São Paulo

2025

2025
VICTÓRIA BAHIA CANÇADO PACHECO

NA ROTA DA FÉ
Ritos, relatos e cotidiano na Igreja Universal do Reino de Deus

Trabalho de conclusão de curso de
graduação em Comunicação Social, com
Habilitação em Jornalismo, apresentado ao
Departamento de Jornalismo e Editoração.

Orientação: Prof. Luciano Victor Barros
Maluly

São Paulo
2025

FICHA TÉCNICA

Na rota da fé: ritos, relatos e cotidiano na Igreja Universal do Reino de Deus

Apuração e escrita: Victória Bahia Cançado Pacheco

Diagramação: Alline Garcia Buralla

Orientação: Prof. Luciano Victor Barros

Maluly

Aprovado em: : ____/____/____

Banca:

Nome: _____

Instituição: _____

Nome: _____

Instituição: _____

Nome: _____

Instituição: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, sobretudo aos meus pais, por terem me possibilitado realizar todos os sonhos que tive até hoje, inclusive o de estudar na USP.

Aos meus amigos e colegas de redação, obrigada pelas inúmeras conversas sobre este livro-reportagem e pelo interesse genuíno com que sempre me ouviram falar do tema.

Ao meu orientador, Luciano Maluly, por ter apoiado meu trabalho desde o princípio e pelos conselhos valiosos, sendo provavelmente o mais crucial destes o de escrever em primeira pessoa.

Agradeço aos professores que tive ao longo da graduação por me ensinarem tanto sobre a profissão que escolhi e por me fornecerem os subsídios necessários para exercê-la.

Por último, agradeço aos fiéis que me confiaram suas histórias e à comunidade evangélica por ter me acolhido em sua vida cotidiana. Sem essa contribuição e confiança, o livro não existiria.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a influência do neopentecostalismo na sociedade brasileira, focando no caso da Igreja Universal do Reino de Deus e suas práticas para atrair e engajar fiéis, especialmente entre as populações mais vulneráveis. A pesquisa incluiu visitas a igrejas ao longo de três meses, com entrevistas realizadas com fiéis, pastores e membros da congregação, além da participação em rituais como exorcismos e batismos. Sociólogos, cientistas políticos, antropólogos e jornalistas oferecem análises sobre o fenômeno. A obra explora características do neopentecostalismo, como sua linguagem didática, a ênfase na prosperidade e a ideia de guerra espiritual. Também são abordados elementos como a flexibilidade comportamental que torna o ambiente mais acolhedor para aqueles que buscam uma alternativa à moral rígida de outras denominações. Assim, o estudo revela a complexidade do movimento evangélico e as particularidades de suas diferentes vertentes.

Palavras-chave: religião; evangélicos; neopentecostalismo; fé.

ABSTRACT

This study examines the influence of neopentecostalism on Brazilian society, focusing on the Universal Church of the Kingdom of God and its practices for attracting and engaging followers, particularly within vulnerable populations. The research involved visiting churches over a three-month period, conducting interviews with members, pastors, and congregants, and participating in rituals such as exorcisms and baptisms. Sociologists, political scientists, anthropologists, and journalists provide insights into the phenomenon. The work explores key aspects of neopentecostalism, such as its straightforward language, emphasis on prosperity, and the concept of spiritual warfare. It also highlights elements like behavioral flexibility, which creates a more welcoming environment for those seeking an alternative to the rigid moral codes of other denominations. In doing so, the study reveals the complexity of the evangelical movement and the unique characteristics of its various branches.

Keywords: religion; evangelical movement; neopentecostalism; faith.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 JUSTIFICATIVA.....	8
3 PROBLEMA.....	9
4 HIPÓTESE.....	9
5 DESCRIÇÃO DOS OBJETIVOS.....	9
6 QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA.....	10
7 METODOLOGIA.....	12
8 CRONOGRAMA DE ATIVIDADES.....	13
9 RESULTADOS OBTIDOS.....	13
10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	16

1 INTRODUÇÃO

O Brasil tem se tornado um país cada vez mais evangélico. Basta andar por qualquer centro urbano para notar a proliferação de templos, especialmente nas periferias, onde a religião oferece não apenas um espaço de culto, mas também uma rede de apoio comunitário. Essa expansão territorial é acompanhada pela crescente atuação política do segmento, com uma bancada influente no Congresso Nacional, que molda as discussões legislativas no país a partir da defesa de pautas conservadoras. A presença dos chamados crentes também é notória na mídia, com diversos canais de televisão e rádio dedicados à evangelização. É inegável, ainda, que a música gospel se tornou *mainstream* nos últimos anos, atraindo multidões de fãs. Outra frente abarcada pelo movimento é o mercado de consumo, com uma ampla demanda por produtos religiosos, desde livros e roupas até cosméticos.

Dados sinalizam esse fenômeno há décadas. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o número de evangélicos no país saltou de 26,2 milhões para 42,3 milhões entre 2000 e 2010. O segmento passou a representar 22,2% da população – um aumento em relação aos 15,4% registrados no começo da década. Já em 1991, o percentual era de 9,0%, e, em 1980, de 6,6%. Embora o Censo 2022 tenha indicado uma desaceleração no ritmo desse crescimento, os evangélicos ainda são o segundo maior bloco religioso do país, com 26,9% da população, atrás apenas dos católicos, com 56,7%.

Previra-se, no entanto, que brasileiros que professam a fé evangélica teriam alcançado cerca de um terço do país a essa altura. Os novos dados, divulgados em junho de 2025, levaram especialistas no tema a rever suas projeções para as próximas décadas. Um deles foi o demógrafo José Eustáquio Alves, que havia projetado que os evangélicos bateriam os católicos como maior bloco religioso do Brasil até 2032.

Em entrevista à Folha de S.Paulo, o pesquisador aposentado da Escola Nacional de Ciências Estatísticas do IBGE negou sua previsão original, dilatando o prazo para 2050, mas chamou a atenção para dois problemas com o recenseamento. Um deles é a cobertura: foram contados 203 milhões de pessoas, mas projetados mais de 210 milhões, ou seja, quase 8 milhões não foram entrevistados de fato. Além disso, o IBGE considerou apenas pessoas com mais de 10 anos, e é sabido que evangélicos são, em média, mais jovens do que católicos. Para ilustrar, no Censo 2010, o grupo representava 22,2% da população total, mas, excluindo crianças abaixo dessa faixa etária, esse número caía para 21,6%.

Ressalvas à parte, um fato é certo: os evangélicos têm crescido, ainda que não no ritmo previsto. O próprio debate gerado pela divulgação dos dados do recenseamento, com especialistas nos principais veículos de imprensa tentando explicar a desaceleração, é um reflexo da força dos evangélicos e evidencia como eles conquistaram a atenção da opinião pública e de intelectuais nos últimos anos.

Ainda assim, nota-se um desconhecimento de grande parte da população sobre o grupo e suas diferentes denominações. Com frequência, eles são retratados como um bloco monolítico, sem nuances comportamentais, crenças ou visões de mundo, tanto na imprensa quanto nas conversas cotidianas. O termo evangélico também passou a ser sinônimo de conservadorismo e, por vezes, de alienação. Embora pesquisadores e jornalistas tenham se dedicado ao tema, ainda há muito a se entender sobre esse fenômeno e seus integrantes.

2 JUSTIFICATIVA

Nas últimas décadas, especialmente a partir dos anos 2000, o neopentecostalismo, face mais midiática do movimento evangélico, alavancou uma força já em curso – a das igrejas pentecostais –, transformando profundamente o cenário social, cultural e político brasileiro. Valendo-se, em grande parte, de doutrinas como a teologia da prosperidade e a guerra espiritual, além da presença massiva nos meios de comunicação e na política nacional, a nova corrente tem conquistado um séquito crescente de fiéis.

É o que aponta um estudo do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), que utilizou dados da Rais (Relação Anual de Informações Sociais), do Ministério do Trabalho e Emprego. O levantamento reúne informações de pessoas jurídicas inscritas na categoria “atividades de organizações religiosas”. Entre os 124.529 estabelecimentos existentes no país em 2021, 52% eram evangélicos pentecostais ou neopentecostais, seguidos por 19% evangélicos tradicionais e 11% de católicos.

Líderes neopentecostais como Edir Macedo, fundador e bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, e seu cunhado R.R. Soares, da Igreja Internacional da Graça de Deus, tornaram-se nomes conhecidos fora do meio evangélico à medida que invadiram emissoras de televisão aberta com seus programas religiosos.

No campo político, o projeto de poder idealizado por Edir Macedo em seu livro “O plano de poder: Deus, os cristãos e a política”, no qual ele defende a inserção de evangélicos na vida pública, alicerçou a consolidação da Frente Parlamentar Evangélica (popularmente conhecida como Bancada Evangélica), fundada em 2003 (Capler, 2021). Em 2022, os evangélicos já representavam 20% da Câmara, com 102 deputados federais, além de terem eleito 13 senadores. Quando formaram sua bancada, contavam com apenas 32 membros (5,7% dos constituintes) – resultado abaixo da participação evangélica entre a população brasileira à época, de 6,6%, mas ainda considerável (Rosa, 2024).

Dada a incontestável influência do grupo religioso, em especial da denominação neopentecostal, na vida pública e no cotidiano da população brasileira, faz-se necessário compreender as razões que impulsionam essa corrente, bem como o perfil de seus integrantes. A proposta deste trabalho é justamente analisar essa dinâmica, considerando a relação entre o

movimento evangélico e outros fenômenos que ocorreram simultaneamente no país, como o fortalecimento do neoliberalismo, cujas premissas dialogam, por exemplo, com a teologia da prosperidade apregoada pelos pastores neopentecostais.

Nome mais conhecido do neopentecostalismo, a Igreja Universal do Reino de Deus reunia 1,87 milhões de fiéis em 2010. Como ressalta o historiador e antropólogo Juliano Spyer em artigo para a Folha de S.Paulo, o recenseamento mais recente não conseguiu medir com precisão o tamanho das principais igrejas evangélicas, o que torna impossível afirmar se esse número aumentou, diminuiu ou se estabilizou. No entanto, em São Paulo, é evidente a multiplicação dos templos da Igreja Universal, um fenômeno visível até para os olhos mais desatentos. De bairros periféricos a áreas centrais, os templos com a inscrição “Jesus Cristo é o Senhor” na entrada estão por toda parte. Já no ano de 2010, o IBGE informava que a igreja tinha seis mil templos e doze mil pastores no país.

Outro destaque desse recenseamento foi a constatação da expansão da fé evangélica entre os mais pobres, evidenciada pela forte presença das igrejas neopentecostais nas periferias das cidades, onde 63,7% de seus fiéis recebiam, no máximo, um salário mínimo por mês. Indo além dos dados, é essencial entender o que realmente atrai a parcela mais pobre da população a essas igrejas, ouvindo diretamente seus fiéis, e não apenas as interpretações de intelectuais que analisam o fenômeno sob as lentes acadêmicas.

3 PROBLEMA

Como a Igreja Universal do Reino de Deus atrai e exerce influência sobre seus fiéis em um contexto de crescente adesão ao movimento evangélico no Brasil?

4 HIPÓTESE

A Igreja Universal do Reino de Deus angaria fiéis oferecendo soluções práticas e espirituais para problemas cotidianos, como vícios, pobreza e dilemas familiares, utilizando uma linguagem acessível, cultos dinâmicos e grupos de acolhimento que fortalecem o senso de comunidade. Essa abordagem permite à igreja não só se expandir, mas também consolidar uma rede de apoio para indivíduos em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

5 DESCRIÇÃO DOS OBJETIVOS

a) Objetivo geral

Escrever um livro-reportagem sobre o crescimento e a influência da Igreja Universal do Reino de Deus no Brasil, explorando suas práticas e abordagens e como elas contribuem para a popularização do neopentecostalismo.

b) Objetivos específicos

- Compreender o histórico e a evolução da Igreja Universal do Reino de Deus, bem como sua relação com o movimento evangélico mais amplo;
- investigar o papel da Universal no contexto social e econômico das comunidades mais vulneráveis social e economicamente;
- ouvir e contar histórias de fiéis, explicando suas motivações para a conversão e como as práticas espirituais e sociais da igreja impactam suas vidas;
- examinar as dinâmicas da igreja, como seus ritos, cultos, cerimônias e discursos de pastores, fiéis e obreiros;
- investigar os recursos discursivos, visuais e sonoros empregados nos cultos, bem como seus efeitos sobre os fiéis;
- descrever o pensamento e as características do discurso neopentecostal, como a teologia da prosperidade e a guerra espiritual;
- investigar o que atrai o público jovem à Universal;
- aprofundar a compreensão do “Brasil evangélico”, superando generalizações e expressando a complexidade da vivência religiosa.

6 QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA

No que diz respeito às metodologias de entrevista e, particularmente, à escrita sobre pessoas e lugares, usei como referência a obra “Como escrever bem: O clássico manual americano de escrita jornalística e de não ficção”, de William Zinsser.

Para abordar o fenômeno evangélico do ponto de vista teórico, recorri aos seguintes livros:

- “O Púlpito: Fé, poder e o Brasil dos evangélicos”, de Anna Virginia Balloussier;
- “Povo de Deus: Quem são os evangélicos e por que eles importam”, de Juliano Spyder;
- “Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil”, de Ricardo Mariano.

E também aos artigos acadêmicos:

- “Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal”, de Ricardo Mariano;
- “Neopentecostalismo como gramática neoliberal de sofrimento”, de Christian Ingo Lenz Dunker, Rodrigo Luiz Cunha Gonsalves e Ivan Ramos Estêvão;
- “O neopentecostalismo é neoliberal?”, de Paula Lobo Cintra.

E às reportagens:

- BALLOUSSIER, Anna Virginia. “Teologia do coaching” invade círculos evangélicos e divide pastores. Folha de S.Paulo, São Paulo, 28 dez. 2023. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2023/12/teologia-do-coaching-invade-circulos-evangelicos-e-divide-pastores.shtml>.

- BALLOUSSIER, Anna Virginia. Quem é esse tal de “neopentecostal”, rótulo que diz pouco dentro das igrejas evangélicas. Folha de S.Paulo, São Paulo, 27 ago. 2024. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/anna-virginia-balloussier/2024/08/quem-e-esse-tal-de-neopentecostal-rotulo-que-diz-pouco-dentro-das-igrejas-evangelicas.shtml>
- CORAZZA, Delana. O fenômeno religioso neopentecostal e a reorganização de classe trabalhadora. Brasil de Fato, São Paulo, 3 dez. 2022. Disponível em:
<https://www.brasildefato.com.br/colunista/instituto-tricontinental/2022/12/03/o-phenomeno-religioso-neopentecostal-e-a-reorganizacao-de-classe-trabalhadora>
- CUNHA, Magali. Sobre neopentecostais, bodes expiatórios e intolerância religiosa. Carta Capital, 19 dez. 2019. Disponível em:
<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/sobre-neopentecostais-bodes-expiatorios-e-intolerancia-religiosa/>
- MORAES, Fabiana. Com assédio público, neopentecostais intimidam adeptos de religiões afro a frequentarem igrejas evangélicas. The Intercept Brasil, 10 maio 2023. Disponível em:
<https://www.intercept.com.br/2023/05/10/neopentecostais-intimidam-adeptos-de-religoes-afro-com-assedio/>
- NASCIMENTO, Gilberto. Sem fiéis, sem dízimo, sem palanque. Revista Piauí, 29 abr. 2020. Disponível em:
<https://piaui.folha.uol.com.br/sem-fieis-sem-dizimo-sem-palanque/>
- PACHECO, Ronilso. Em 'defesa' dos neopentecostais: ou apenas para superar os chavões. UOL Notícias, São Paulo, 1 mar. 2024. Disponível em:
<https://noticias.uol.com.br/colunas/ronilso-pacheco/2024/03/01/em-defesa-dos-neopentecostais.htm>
- ROCHA, Camilo. A ascensão e influência das igrejas neopentecostais. Nexo Jornal, 19 abr. 2020. Disponível em:
<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2020/04/19/a-ascensao-e-influencia-das-igrejas-neopentecostais>

Entrevistei os seguintes especialistas:

- Bruno Reinhardt, professor do departamento de Antropologia da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), doutor em Antropologia pela Universidade da Califórnia e pesquisador das relações entre religião e secularismo;
- Diogo Corrêa, sociólogo e autor de “Anjos de Fuzil” (2022);

- Gabriel Burnatelli, doutor em ciência política pela Ufscar (Universidade Federal de São Carlos);
- Livia Reis, cientista social e coordenadora da área de Religião e Política do Iser (Instituto de Estudos da Religião);
- Odlinari Ramon, doutor em estudos de mídia pela UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte) e membro do grupo de pesquisa de Comunicação e Religiões da Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação).

7 METODOLOGIA

Durante a apuração inicial, li as obras supracitadas para entender as origens, tendências e desdobramentos do movimento evangélico, com base nas perspectivas de jornalistas, historiadores, sociólogos e antropólogos. Também consultei reportagens, artigos e trabalhos acadêmicos, além de analisar dados de censos do IBGE e pesquisas do Datafolha, a fim de compreender a fundo o fenômeno. Esses materiais me possibilitaram ampliar meu entendimento do tema e desenvolver perguntas para as entrevistas, além de terem me proporcionado uma ideia mais clara do que esperar ao entrar em uma igreja evangélica neopentecostal.

A escolha dos especialistas levou em conta suas áreas de atuação, privilegiando pesquisadores de fora de São Paulo, com trabalhos acadêmicos importantes, mas que frequentemente não são tão visíveis na grande mídia em coberturas ligadas à religião. Meu objetivo era trazer novas perspectivas, sem deixar de incluir citações de obras renomadas, em razão de sua clareza e relevância.

A escolha dos personagens, por sua vez, foi pragmática: conquistar a confiança dos fiéis se revelou um processo longo e delicado. Priorizei aqueles que me deram abertura, após semanas de aproximação, para contar suas histórias em entrevistas quase sempre com ao menos uma hora e meia de duração. Embora tenha tido interações valiosas com outros fiéis, também descritas no livro, muitos deles não quiseram se expor por meio de uma entrevista *per se*.

De janeiro a março de 2025, participei de cultos, reuniões temáticas, encontros de jovens (inclusive uma partida de vôlei), uma cerimônia de batismo, um rito de exorcismo e outros eventos sociais, como um encontro com médicos da Universal sobre prevenção do câncer de colo de útero. Conversei com pastores e obreiros (voluntários da igreja), mas foquei principalmente nos fiéis, que desejava conhecer de perto para dar-lhes nome, rosto e história.

Intercalei minhas experiências dentro da igreja com entrevistas com especialistas, pedindo, em alguns casos, para ter conversas adicionais a fim de esclarecer dúvidas e comentar sobre dinâmicas que só compreendi após vivenciar o cotidiano da Universal. Isso me mostrou, na prática, como a imersão no ambiente transforma uma apuração jornalística.

Ao escrever, criei um panorama da igreja, suas dinâmicas e seus fiéis, com o objetivo de colocar o leitor no centro das cenas, humanizando os personagens e mostrando como eles enxergam vida, política e fé.

8 CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

ATIVIDADE	MESES							
	Dez.	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.
Leituras de reportagens, livros e materiais acadêmicos	X	X	X					
Início da ida às igrejas		X						
Contato inicial com personagens e construção de relação com eles		X	X					
Entrevistas com especialistas		X	X	X				
Participação nos cultos e outras atividades da igreja		X	X	X				
Entrevistas com fiéis				X	X			
Redação dos primeiros capítulos					X			
Finalização dos capítulos						X		
Revisão final						X		
Diagramação e correções							X	
Entrega à banca								X

9 RESULTADOS OBTIDOS

A partir das entrevistas e vivências nos templos, percebi como a religião oferece apoio a pessoas em situação de vulnerabilidade social. Ela proporciona suporte espiritual e provoca mudanças concretas nas realidades dos fiéis, como o abandono de vícios, o estímulo ao empreendedorismo, a superação de dificuldades financeiras e a busca por harmonia familiar.

O processo de pesquisa me desafiou a equilibrar a proximidade necessária com os fiéis para obter uma apuração humana e precisa, com a distância necessária para manter a imparcialidade e garantir uma análise crítica. Esse equilíbrio foi crucial, especialmente diante

de falas problemáticas e abordagens desconfortáveis pelas quais passei em alguns momentos.

Além disso, o tempo limitado exigiu a seleção das histórias mais representativas da realidade dos personagens, com base nos poucos meses de imersão que tive, priorizando as vozes de pessoas que demonstraram confiança suficiente em mim para contar suas histórias de vida. Acredito que outras também poderiam ter se aberto, caso houvesse mais tempo e oportunidades para nossa aproximação.

Outro aspecto que ficou claro ao longo da pesquisa foi o significado do dízimo, prática frequentemente criticada por quem está de fora, mas vista pelos fiéis como mandamento bíblico essencial, que contribui para o fortalecimento da igreja. No entanto, é inegável que a ênfase financeira por parte dos pastores cria distorções, sendo que muitos fazem apelos emocionais para que os fiéis doem, sob a alegação de que Deus exige essa contrapartida para conceder-lhes graças.

Como todo fenômeno humano, o movimento evangélico é complexo, mas há um fato incontestável: a maioria dos fiéis está ali porque realmente quer. Eles não são uma massa de manobra ignorante – visão elitista e preconceituosa, sobretudo em relação aos neopentecostais –, mas sim pessoas que encontram nesse movimento uma forma de bem-estar e de orientação para navegar em um contexto social repleto de desigualdades.

Este livro, no entanto, não se propõe a fazer juízos de valor. Sua intenção é permitir que o leitor, assim como eu, compreenda de maneira mais profunda o movimento evangélico, especialmente no que se refere ao neopentecostalismo, e também ofereça uma visão mais ampla sobre a atuação das igrejas neopentecostais na sociedade brasileira, com suas dinâmicas, problemas e méritos.

Essa foi, sem dúvida, a experiência mais desafiadora e gratificante da graduação, com contribuições imensuráveis para minha formação enquanto jornalista e pessoa. Após viver experiências marcantes – em especial, as longas conversas com os personagens que selecionei –, senti o mesmo encantamento do primeiro ano de faculdade. Estava realmente conhecendo e contando histórias. Gastando a sola do sapato para entender melhor o país onde nasci. E só podia pensar na sorte de ter escolhido um ofício que me permite fazer isso todos os dias.

RESUMO DOS CAPÍTULOS

Prefácio

Apresento minha relação com a religião. Abordo a decisão de escrever um livro-reportagem sobre o neopentecostalismo, detalhando minha motivação para compreender esse movimento crescente e minha abordagem de pesquisa, que inclui a observação e entrevistas com fiéis e especialistas.

Capítulo 1: A primeira ida à Universal

Descrevo minha primeira visita à Igreja Universal na rua da Consolação, em janeiro de 2025. Detalho minhas observações sobre o culto, a sonoplastia imersiva e minhas interações iniciais com fiéis como Nadir e um pastor desconfiado, mas simpático.

No Capítulo 2: Jovens cristãos me acolhem

Relato meu segundo encontro na Universal, quando observei a linguagem didática dos pastores e o uso estratégico da mídia. Destaco minha experiência com o grupo Força Jovem Universal, onde fui acolhida e percebi a “customização religiosa” que atrai jovens.

Capítulo 3: Mergulho na vida neopentecostal

Detalho meu aprofundamento na vida neopentecostal, explorando a agenda temática semanal dos cultos e a centralidade do Diabo, que é comumente responsabilizado por diversos males na lógica neopentecostal. Compreendi o papel do dízimo e da teologia da prosperidade e tive meu primeiro contato com a fiel Iracema.

Capítulo 4: O que leva alguém à Universal?

Dedico-me a contar as histórias de vida dos fiéis Iracema, Carlos e Jailane. Eles me revelaram suas motivações pessoais para buscar a Universal, como a superação de vícios e dramas familiares, desafiando estereótipos sobre evangélicos.

Capítulo 5: Um exorcismo e um batismo

Descrevo minha experiência ao presenciar um rito de exorcismo e, posteriormente, uma cerimônia de batismo. Destaco a ênfase na libertação espiritual e purificação dos pecados, além de como esses rituais impactam os fiéis, representando um recomeço.

No Capítulo 6: Médicos da Universal

Participei de uma reunião focada na saúde da mulher, conduzida por médicos obreiros, que discutiram a relação entre fé e prevenção de doenças. Também relato minha conversa com Maria José, que foi mãe de santo por 23 anos antes de se tornar evangélica.

Capítulo 7: Refúgio de perigos

Narro um encontro focado em jovens com depressão, em que o pastor retratou problemas psicológicos como resultado da ação do Diabo. Também conto minha interação frustrante com obreiras, que pareciam ter falas ensaiadas e insistiram para que eu me abrisse à fé.

Posfácio

Resumo meus principais aprendizados, como a noção de que o movimento evangélico é muito mais amplo e diversificado do que imagina grande parte das pessoas. Compreendi como os cultos dialogam com dilemas contemporâneos e como os templos da Universal por vezes funcionam como refúgio e lar para migrantes e pessoas em vulnerabilidade.

10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLOUSSIER, Anna Virginia. Censo: 'goleada' evangélica não aconteceu, diz pesquisador que previa maioria até 2032. Folha de S.Paulo, São Paulo, 6 jun. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2025/06/censo-goleada-evangelica-nao-aconteceu-diz-pesquisador-que-previa-maioria-ate-2032.shtml>

CAPLER, Rodolfo. A bancada evangélica e seu projeto de poder. Veja, São Paulo, 28 jul. 2021. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/a-bancada-evangelica-e-seu-projeto-de-poder>

NEGRI, Fernanda; MACHADO, Weverthon; CAVALCANTE, Eric Jardim. Crescimento dos estabelecimentos evangélicos no Brasil nas últimas décadas. Nota Técnica. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2023. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/portal/publicacao-item?id=5854cd6e-d9b5-4d97-93b6-43aa72979cbe>

ROSA, João Luiz. Como os evangélicos conquistaram força no Congresso. Valor Econômico, São Paulo, 19 out. 2024. Disponível em: <https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2024/10/19/como-os-evangelicos-conquistaram-forca-no-congresso.ghtml>

SPYER, Juliano. Evangélicos cresceram menos, mas já podem ser maioria. Folha de S.Paulo, São Paulo, 11 jun. 2025. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/juliano-spyer/2025/06/evangelicos-cresceram-menos-mas-ja-podem-ser-maioria.shtml>

Citadas no livro-reportagem:

BALLOUSSIER, Anna Virgínia. O púlpito: fé, poder e o Brasil dos evangélicos. São Paulo: Todavia, 2024.

CUNHA, Magali. Neopentecostalismo, hoje, mais prejudica do que explica. Observatório Evangélico, 1 jul. 2023. Disponível em:

<https://www.observatorioevangelico.org/neopentecostalismo-hoje-mais-prejudica-do-que-expllica/>

FAJARDO, Maxwell. Pentecostais, migração e redes religiosas na periferia de São Paulo: um estudo do bairro de Perus. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.13140/RG.2.2.10900.72322>

MARIANO, Ricardo. Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. 2 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SPYER, Juliano. Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam. São Paulo: Geração Editorial, 2020.